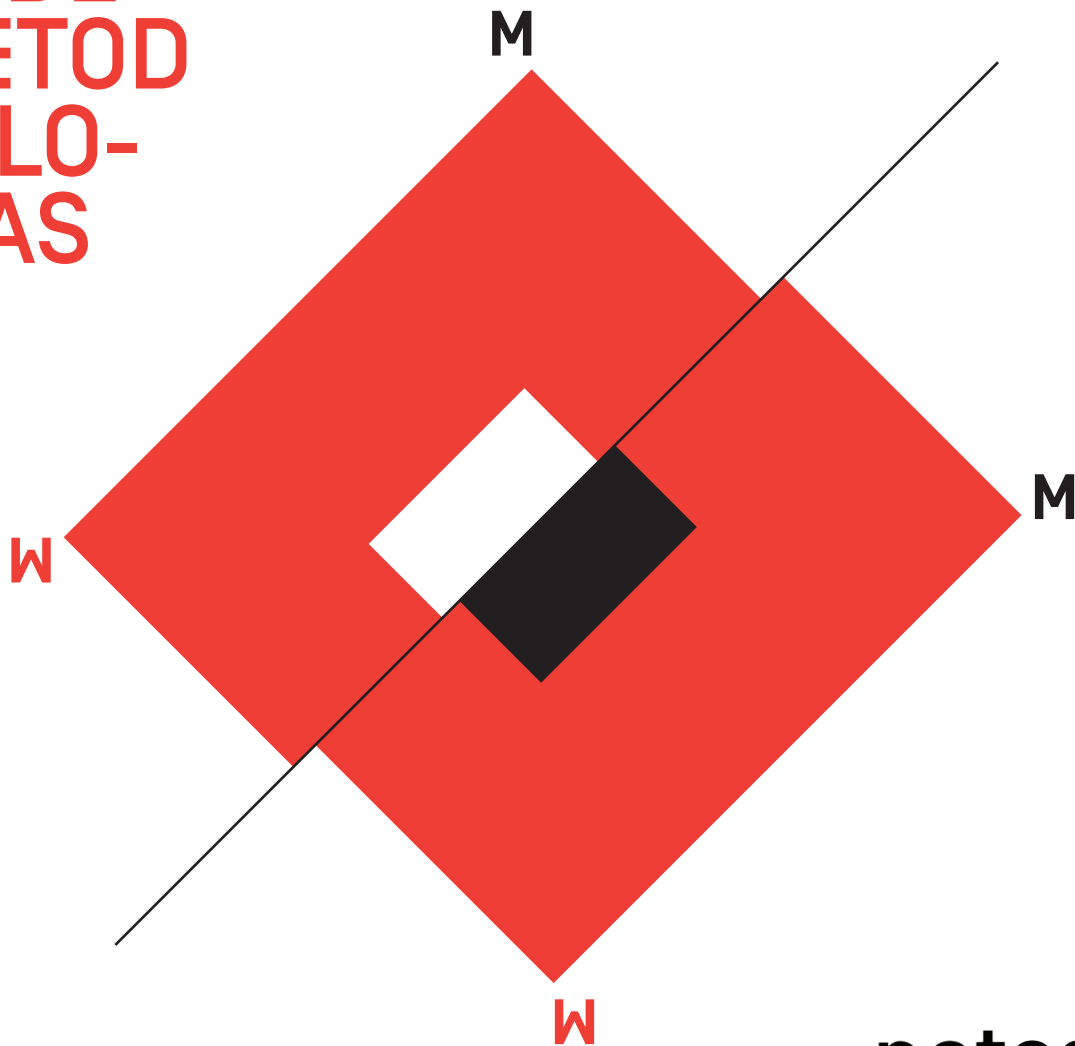


MANUAL DE METOD OLOGIAS



Uma iniciativa



ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

notas de
CONTACTO

a OCPsolidária na **CERCIOIRAS**

PREFÁCIOS

03	IVONE FÉLIX
04	TERESA SIMAS
05	PEDRO CARNEIRO
06	NOTAS DE CONTACTO A OCPSOLIDÁRIA NA CERCIOEIRAS
	METODOLOGIAS MÚSICOS OCP
12	PARTITURAS ADAPTADAS METODOLOGIAS CERCIOEIRAS
15	INSTRUMENTOS ADAPTADOS
18	PARTITURAS ADAPTADAS
24	METODOLOGIAS CERCIOEIRAS
26	ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL
27	DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E DESENVOLVIMENTAL E MULTIDEFICIÊNCIA

31	MULTIDEFICIÊNCIA
32	BOAS PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO NAS PESSOAS COM DID
34	NOTAS DE CONTACTO A OCPSOLIDÁRIA NA CERCIOEIRAS - UM EXEMPLO DE BOAS PRÁTICAS, INOVAÇÃO E INCLUSÃO
36	METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO BOAS PRÁTICAS E REPLICABILIDADE DO PROJETO
38	RESULTADOS OBTIDOS
43	PARCERIAS
44	BIBLIOGRAFIA
	TESTEMUNHOS
47	ANA MARIA SANTOS
48	MIGUEL RALHA
49	ÓSCAR CARMO
50	RUI MAIA
51	PEDRO LOPES
55	CUSTÓDIA COROA
56	FICHA TÉCNICA

“A VIDA É A ARTE DO ENCONTRO...”

VINICIUS DE MORAIS

PREF

ÁCTOS

Acreditar

é a palavra inspiradora deste livro.

Acreditar que as pessoas com deficiência intelectual tem apetências e competências para desenvolver um trabalho na área da música, da aprendizagem dos ritmos e sons, dos instrumentos musicais, do comportamento social, do... nem o céu é o limite!

Evidenciar competências adormecidas e aumentar o potencial de aprendizagem ao trabalhar áreas como a concentração e a atenção, o saber estar, o ritmo, a posição no espaço, a persistência, a capacidade de lidar com a frustração... estas questões aliadas às apresentações em público, cada dia com maior qualidade, e ao reconhecimento do seu valor pelos outros, aumentou a sua confiança e a sua auto estima.

Acreditar que a valorização pessoal e social é uma componente importante do crescimento e desenvolvimento humano. Quanto mais nos valorizamos e somos valorizados, mais queremos e conseguimos superar obstáculos que se apresentam no caminho e, em todos os caminhos, existem obstáculos.

Levar a palco clientes com as suas dificuldades (ou devemos falar de potencialidades), a que se junta o nervosismo da apresentação requer assertividade, paciência, espírito de equipa e capacidade de prever e antecipar situações problemáticas, trouxe crescimento pessoal e profissional.

Acreditar que o Ser Humano é resiliente, é tenaz, e é alegre! Capaz de superar tudo e, bem difícil, superar-se. Este livro aborda e leva-nos aos bastidores de muitos dias duros, de como contornamos a diversidade, de como encontramos novas metodologias, de como clientes, famílias, colaboradores, músicos se encontram num espaço e tempo desconhecido e, desse encontro, nasce música, nasce amizade, nascem novas competências.

A cada dificuldade uma solução e, a cada solução a superação e a alegria pelo sucesso dos seus alunos.

O trabalho desenvolvido exigiu por parte dos profissionais da CERCIOEIRAS e dos músicos da OCP um estado de abertura que lhe permitiu pensar “fora da caixa”.

Pensar e adequar cada música, cada instrumento às características e potencialidades de cada cliente foi uma tarefa muitas vezes difícil mas possível.

Mas, se acreditar é a palavra inspiradora ela seria muito redutora sem a ação de implementar.

Por isso, neste livro, vamos encontrar testemunhos, metodologias, estratégias, como se faz e como se avalia. Vamos ler sobre mudança e debate frequente, sobre trabalho em equipa e sobre cooperação, interajuda e pesquisa, o que facilitou a experimentação de novas propostas de trabalho.

Neste livro acreditamos que tudo é possível.

IVONE FÉLIX

Sonho

Quando o meu avô colocava discos das valsas de Strauss e me dizia que dançasse, a minha cabeça estonteava-se de tanto baloiçar e os meus ataques de riso contagiavam o sorriso dele, do meu avô, o Francisco das valsas.

Era uma menina com muita energia e cinco irmãos. Sendo a terceira embainhava a espada para os dois lados, ora enquanto mais nova, ora enquanto mais velha. Cansava a minha mãe que me punha a gastar energia na sala junto do meu avô. Nesse estonteamento nasceu o sonho de dançar. Das valsas de Strauss passei para os outros discos nos quais aprendi cedo a manusear cuidadosamente a agulha do gira discos, Beethoven, Chopin, prelúdios de Bach e depois...depois não parei de dançar e de sonhar.

Quando conheci a Madalena, vizinha do mesmo prédio durante vários anos, partilhávamos a mesma hora de saída de casa, eu a caminho do Ballet Gulbenkian e ela?

Um dia enchi-me de coragem e perguntei à sua mãe, uma senhora simpática e sempre de sorriso rasgado. Para onde vai a Madalena? Respondeu; para a Cooperativa de São Pedro, onde passa o dia em atividades e terapias.

Fiquei com vontade de conhecer o seu mundo.

Mais tarde quando fundámos a Orquestra de Câmara Portuguesa, agarrei a missão de levar a arte à comunidade com o objetivo de levar a comunidade aos artistas que conosco trabalhassem. Virara do avesso a temática da inclusão, que visa sempre olhar o que distingue as pessoas diferentes, neste caso adultos com deficiências múltiplas, e incluí-las ou despeja-las no seio social muitas vezes inapto para os receber.

O avesso era e ainda é, tocar a alma dos artistas.

Tinha passado por um processo semelhante em Inglaterra e França e o meu crescimento artístico e pessoal estava mais rico, mais cheio.

Porque não proporcionar algo que considerava já, nessa altura, tão importante?

Sonhámos juntos.

Fomos ter com a Dr^a Ivone Félix, uma senhora extraordinária, um modelo e exemplo de liderança e amor em todos os seus gestos. Perguntámos se poderíamos oferecer experiências musicais na então, Cooperativa de São Pedro e o acolhimento foi espectacular até aos dias de hoje. As aprendizagens em distintas áreas, têm sido verdadeiras lições de vida que nos provam que acreditar e sonhar é um motor inigualável no rumo para uma sociedade que precisa de encontrar paz de dentro para fora do tecido social.

Em 2009, em Genebra, no centro da cidade, reparei que havia muitas pessoas com baixa mobilidade na cidade, que está, obviamente, preparada para os receber. A subir a escada rolante no centro da estação de comboios, levantei os olhos e li: "Os deficientes ultrapassam barreiras inimagináveis, os nossos preconceitos são as nossas deficiências".

Foi então nesse ano que subi o pódio do maestro num ensaio da OCP e perguntei se alguém estaria interessado em fazer trabalho de voluntariado na Cooperativa de São Pedro, uma IPSS que tinha acabado de visitar e onde seria vital começar uma relação para o futuro. Houve um músico que levantou a mão, Pedro Lopes violinista. Lembro-me de ter pensado, que jovem, que bom, vamos começar, aqui respira o futuro. O Pedro Lopes criou, metodologias, inventou estratégias e tornou este sonho real.

Todos os músicos que passaram pelo projeto nestes últimos 10 anos saíram mais completos e serão com certeza artistas mais felizes e mais atentos ao que os rodeia.

Coragem

A Música representou, sempre, um acto de coragem: tocar um instrumento musical em público foi [aliás, é!] um processo difícil que apenas o amor pela arte dos sons ajuda a dissipar. Não faz sentido criar um projecto musical que não coloque a música no centro das humanidades, que nos possa nutrir através da experiência musical: envolvendo toda a comunidade no processo de criação, difusão e partilha de todas as músicas, da mais arcaica aos sons do presente. No dia em que a Teresa Simas e o seu poder de iniciativa organizaram num ápice a primeira visita à CERCIOEIRAS, admito que foi com algumas reservas que pisei o palco improvisado do ginásio [agora palco de tantos sons e partilha!] com receio e desconfiança. Foi um momento estranhamente poderoso e, sem dúvida, inesquecível. Nada do que tinha aprendido, como músico, me tinha preparado para aquele momento: habituado ao suposto poder da música, numa situação “normal”, as minhas competências ou qualidades como intérprete de pouco ou nada me pareceram úteis para chegar a estas pessoas. Foi apenas mais tarde, ao levarmos o embrião da Jovem

Orquestra Portuguesa (na altura chamava-se OCPzero) a este mesmo ginásio, que um dos episódios mais marcantes da minha vida artística aconteceu: no final da brilhante oficina conduzida pelo violinista Pedro Lopes [o primeiro músico que se disponibilizou para trabalhar neste projeto] e após a apresentação dos naipes e instrumentos constituintes da orquestra, decidimos tocar na íntegra o Allegretto da 7ª Sinfonia de Beethoven. A descrição singela deste andamento, tão simplesmente allegretto (leve, gracioso) contrasta com a música, essa uma canção de embalar poderosa, profunda, uma meditação misteriosa e complexa. Os jovens músicos tocavam de pé [como tantas vezes, nos nossos concertos], com os clientes dentro da orquestra. Num dos momentos mais extraordinários deste trecho musical, quando a orquestra prepara um longo crescendo, telúrico, repetindo com todo o fulgor a tema hipnótico, o cliente que se encontrava junto a um dos músicos emocionou-se — nesse instante, o jovem contrabaixista, o ser humano ao seu lado e este maestro partilharam uma lágrima inesquecível. A Música dissipa fronteiras, porque é Eterna.

PEDRO CARNEIRO

NOTAS DE CONTACTO A OCP- SOLIDÁRIA NA CERCIOEI- RAS

O projeto **Notas de Contacto: a OCPsolidária na CERCIOEIRAS** iniciou-se em 2009 com o objetivo de desenvolver ações e atividades musicais orientadas para potencializar as capacidades da pessoa com deficiência, promovendo a qualidade de vida e integração nos seus contextos de desempenho. A população com deficiência intelectual necessita de apoio permanente e está frequentemente impossibilitada de aceder a atividades alternativas e muitas vezes significativas para a sua reabilitação e inserção sociais. A aprendizagem musical, cujas metodologias não se adaptam às limitações destas pessoas, é disso exemplo.

Os músicos da **OCP** em parceria com os terapeutas da **CERCIOEIRAS** desenvolvem neste projeto estratégias de aprendizagem musical direcionadas às limitações concretas destes adultos, realizando atividades em que a música se apresenta não só como elemento facilitador de comunicação, mas essencialmente como ferramenta terapêutica de melhoria de competências físicas e cognitivas.

As tarefas associadas à aprendizagem musical incluem a utilização do aparelho e memória auditivos, manuseamento de instrumentos, compreensão de notação, interiorização e memorização de partituras, trabalho de grupo nos agrupamentos de música de câmara, apresentações em público, entre outras. Recorre-se ainda uma equipa de construção de instrumentos adaptados para a inclusão dos deficientes mais profundos em atividades coletivas com os mais autónomos, favorecendo a partilha de experiências, de entajuda, e respeito pelo outro.

A música atua como estímulo multi-sensorial e assume-se nesta interação como um meio de transmissão de valores: a cooperação, o respeito, a criatividade, a imaginação e a liberdade de expressão. Os participantes terão na música uma ferramenta para encontrar o seu espaço, função e forma de comunicar.

As atividades proporcionam uma proximidade com o mundo musical: designadamente através da interação com os músicos da **OCP** e da **JOP**, a participação em workshops com músicos “criativos”, como: improvisadores, jazzistas e construtores de instrumentos.

O ensemble do “Notas de Contacto” já participou ativamente em diversos concertos, como a Gala da **OCP** 2016, no Teatro Camões, e nos 10 anos da **OCP**, em 2017 no CCB. Destacando-se mais recentemente, a parceria com agrupamentos de outras instituições, como os 5ª Punkada na Fundação Calouste Gulbenian em 27 de janeiro de 2018, ou por si só, em dezembro do mesmo ano, na Fundação Oriente, ou incluídos na **JOP**, na edição de 2018 do Festival dos Dias da Música em Belém, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém.

A OCP foi pioneira em modelos de Responsabilidade Social e desenvolve diversos projetos de Responsabilidade Social e Pedagógica: a Jovem Orquestra Portuguesa (JOP), a OCPsolidária e a OCPdois.

A **Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP)** tem por visão tornar a arte e a música indispensáveis na sociedade, através da cultura do conhecimento, da excelência e do empenho da sua práxis, servir de plataforma de lançamento para novos talentos nacionais e apostar na energia e imaginação associadas a cada atividade.

O **“Notas de Contacto - a OCPsolidária na CERCIOEIRAS”**, nasceu de uma ação genuína de cidadania proativa através de sessões pro-bono, pontuais na **CERCIOEIRAS** com um músico da **OCP**, Pedro Lopes enquanto coordenador. Em 2012, a **OCP** e a **CERCIOEIRAS** na pessoa de Teresa Simas e Ivone Félix, levaram o projeto ao então Programa de Desenvolvimento Humano da Fundação Calouste Gulbenkian que acolheu a ideia com entusiasmo e se associou à **OCP**, aprovando o patrocínio do projeto. Em 2016, este apoio foi renovado através do programa PARTIS 2.

A **OCPsolidária** também marca a sua presença em Barcelos com uma colaboração com mais de 5 anos oferecida à Associação de Pais e Amigos de Crianças (APAC) daquela cidade. Ainda no âmbito do programa **OCPsolidária**, a **OCP** iniciou em 2014 o projeto **“Sementes OCP – a OCPsolidária no Centro Social 6 de Maio”**, e em 2018 iniciou uma replicação das metodologias de acessibilidade do Notas de Contacto no bairro dos Navegadores em parceria com a Câmara Municipal de Oeiras com o projeto **“Novos Horizontes”** A nossa Associação iniciou a sua experiência nesta

área em 2009 na **CERCIOEIRAS**, realizando um conjunto diverso de atividades destinadas a um número aproximado de 80 clientes. Na APAC de Barcelos a primeira atividade realizou-se em janeiro de 2011. Antes, em 2010, começámos no Centro Social 6 de Maio com 80 crianças do pré-escolar (3 e 6 anos), quinzenalmente e depois semanalmente desde janeiro de 2015, cruzando as culturas de origem deste bairro com a música erudita, num quadro alargado de um trabalho de inclusão social. Na APPACDM de Setúbal desenvolveram-se sessões anualmente entre 2012 e 2015, no âmbito de concertos realizados na região. Na área do acesso à cultura pedagógica, desde 2010, com a **Jovem Orquestra Portuguesa (JOP)**, procuramos oferecer bolsas a estudantes de música de todo o território Português com talento e com dificuldades financeiras, de modo a que possam participar em todas as atividades da **JOP**, e das suas congéneres na Europa através da nossa parceria com a EFNYO, European Federation of National Youth Orchestras com sede em Viena.

O PROJETO:

Os músicos da **OCP** em parceria com os terapeutas da **CERCIOEIRAS** desenvolvem, neste projeto, estratégias de aprendizagem musical direcionadas às limitações concretas destes adultos, realizando atividades em que a música se apresenta não só como elemento facilitador de comunicação, mas essencialmente como ferramenta terapêutica de melhoria de competências físicas e cognitivas, atuando através das tarefas associadas à aprendizagem musical: utilização do aparelho e memória auditiva, manuseamento de instrumentos, compreensão de notação, interiorização e memorização de partituras, trabalho de grupo nos agrupamentos de música de câmara, apresentações em público, entre outras.

A população com deficiência intelectual necessita de apoio permanentemente e está frequentemente

impossibilitada de aceder a atividades alternativas e muitas vezes significativas para a sua reabilitação e inserção social.

A equipa de construção de instrumentos adaptados possibilita a inclusão dos deficientes mais profundos em atividades coletivas com os mais autónomos, favorecendo a partilha de experiências, de entreajuda e respeito pelo outro. A música atua como estímulo multissensorial e assume nesta interação um meio de transmissão de valores: a cooperação, o respeito, a criatividade, a imaginação e a liberdade de expressão. Os participantes terão na música uma ferramenta para encontrar o seu espaço, função e forma de comunicar. Estes indivíduos frequentam habitualmente instituições onde convivem essencialmente com outras pessoas com deficiência, resultando muitas vezes em diversas dificuldades de comunicação quando estão em meios que lhes são estranhos. As atividades propostas neste projeto preveem que os participantes ganhem uma proximidade com o mundo musical: designadamente através da interação com os músicos da **OCP** e da **JOP**, criando também deste modo mais um veículo de formação informal para os jovens músicos da **JOP**. Os concertos e ensaios da **OCP** e da **JOP** também integram estes participantes.

As atividades são regulares, estando envolvidos direta e semanalmente no projeto 3 músicos da **OCP**, desenvolvendo estratégias de aprendizagem formal e informal para o grupo de clientes autónomos, e juntamente com as terapeutas da **CERCIOEIRAS** envolvendo também os clientes mais profundos, a fim de se desenvolverem algumas competências cognitivas, através de atividades adaptadas às capacidades de cada um. De forma mais pontual, também participaram outros artistas, nomeadamente, instrumentistas, compositores, coreógrafos, improvisadores, entre outros. A construção de instrumentos adaptados tem-se re-

velado um dos pontos mais fortes do projeto, e vai por isso continuar a fazer parte e a desenvolver-se, visto o processo de construção ser fundamental e moroso. O impacto causado por estas atividades baseadas em estímulos musicais foi até então extraordinário, testemunhado e reconhecido pelos próprios clientes, terapeutas, músicos da **OCP** e da **JOP**, famílias e toda a equipa da **CERCIOEIRAS**. O nosso parceiro principal - **CERCIOEIRAS- Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Incapacidade, CRL** é uma instituição de Solidariedade Social e de Utilidade Pública, de referência.

PROJETO ARTÍSTICO

Realizam-se aulas semanais (duas vezes por semana), individuais e aulas em grupo. As primeiras visam a aprendizagem de várias técnicas de produção sonora e de abordagem aos diversos instrumentos, para que se facilite e se promova o veículo de transmissão de ideias ou sensações nos ensaios em grupo. São abordadas técnicas instrumentais não tradicionais, que permitem uma melhor concretização da produção sonora, independentemente da problemática intelectual do cliente, sendo desenvolvidas também metodologias específicas para cada participante no sentido de se desenvolver as suas melhores competências. As sessões de grupo, por sua vez, existem em dois formatos.

Todos os participantes frequentam, assim, para além da aula individual, num grupo grande (máximo 10 clientes) e, num grupo, que contém no máximo 3 participantes. Desta forma, pretende-se que, nos primeiros, se desenvolvam estruturas e se partilhem ideias/motes para a improvisação a desenvolver, assim como, nos grupos mais avançados, se desenvolve, simultaneamente, a aprendizagem de uma simbologia gestual e escrita, que permite uma rápida reação

e compreensão dos desafios propostos. No segundo, o objetivo artístico é semelhante, no entanto, a junção de clientes com competências diferentes, visa, aqui, promover, uma entreeajuda e uma partilha de conhecimentos, responsabilizando e valorizando os clientes mais autónomos. Desta forma, é objetivo deste projeto que cada cliente, independentemente da sua velocidade/capacidade na realização e/ou compreensão de tarefas, tenha o seu espaço de produção artística, que é sempre integrado na composição do grupo.

A inclusão num grupo de trabalho e o desenvolvimento de todas as características que são desenvolvidas neste âmbito ganham depois outra expressão, quando através das especificidades da Música são propiciadas apresentações públicas - sejam elas concertos ou aulas abertas.

À semelhança do que aconteceu no Reino Unido, onde foi criada a National Open Youth Orchestra: <https://noyo.org.uk/>, [a primeira orquestra nacional no mundo dedicada a pessoas/músicos com e sem deficiência, juntando-se à Guildhall School of Music and Drama, para fazer um "training centre"], a **OCF** tem como objetivo integrar alguns dos clientes do **Notas de Contacto** nas atividades da **Jovem Orquestra Portuguesa**. Haverá assim uma encomenda para 5 solistas do Notas de Contacto e a Jovem Orquestra Portuguesa, ao compositor João Godinho, com estreia no Festival Young Euro Classic em Berlim, no dia 26 de julho de 2019.

Ao nível artístico, o processo criativo envolve, de forma relevante, todos os participantes diretos. O foco de desenvolvimento vai centrar-se na improvisação e na exploração musical, como forma de libertação e expressão artística dos participantes. Estimular a criatividade através do som e da composição de peças originais, onde as reações espontâneas de cada participante, são tomadas em conta e incluídas no processo de criação.

No segundo ano está prevista a criação de um "espetáculo" com os **5ª Punkada** com uma digressão nacional na Temporada de 2020/21, parceria esta que começou no PARTIS II (concerto na Fundação Calouste Gulbenkian em 27 de janeiro de 2018), assim como a continuação de workshops com músicos "criativos": improvisadores, jazzistas, construtores de instrumentos e criação contemporânea; a aposta na escrita e criação de pequenas peças para criar repertório, de forma a autonomizar/consolidar a ideia de "ensemble"; autonomização do agrupamento de forma a criar/vender produtos artísticos; o crescimento deste ensemble a nível nacional, através de música feita para e por estas pessoas.

O principal aspeto diferenciador e inovador do nosso projeto será o discurso musical. Quando abordamos a música Ocidental e a sua história, deparamo-nos com um mundo complexo de regras, estilos musicais, dinâmicas e diferentes notações. A tonalidade liderou séculos de música, mas sofreu constantes mutações, sempre em prol da abertura de novas portas à originalidade da criação artística - são exemplos algo simplistas desse caminho o dodecafonismo ou o microtonalismo. O cruzamento de diferentes formas de arte é agora adquirido e a própria melodia passou de imprescindível a opcional, enaltecendo-se a beleza de um simples som ou de um silêncio. Neste enquadramento, sentimos que os participantes deste projeto lidam menos vezes com a frustração, quando adotamos um discurso musical mais contemporâneo, assemelhando-se à libertação de um pintor, que estaria condicionado a representar o arco-íris, apenas, com uma paleta de cinzas.

Foram desenvolvidos processos de simplificação, na notação musical, exploração tímbrica dos instrumentos, assim como trabalhados mecanismos, no campo da improvisação livre, em busca de uma maior espontaneidade na intervenção criativa dos participantes.

São explicitadas, tanto a sinalética gestual utilizada, como a simbologia escrita testada, que ajudam na criação de partituras adaptadas compostas por detalhes, que permitem que os clientes com mais capacidades possam ler e reproduzir sistemas musicais num qualquer instrumento. Esta é também, uma ferramenta que ajudará à replicação do projeto ou ao interesse de compositores, visto criar um código que pode permitir a inclusão de pessoas com esta especificidade em grupos de trabalho diferenciados.



Da equipa de músicos que trabalharam com o Notas de Contacto a OCPsolidária na CERCIOEIRAS, fizeram parte até 2018 muitos artistas, mencionamos alguns:

Teresa Simas
Pedro Carneiro
Ana Maria Santos - coordenadora
Rui Borges Maia
Óscar Carmo
Pedro Lopes - coordenador
Cristiana Abreu - coordenadora
Sara Abreu
Elizabeth Davis
5ª Punkada
Miguel Gomes
Miguel Ralha
Henrique Amoedo
Ulrich Mitzlaff
Paulo Jacob

Músicos OCP em workshops em regime de voluntariado:

João Aibéo
Tomás Moital
Miguel Filipe
Romeu Santos
César Gonçalves
Cândido Fernandes

MET- ODOLO- MÚS GIAS ICOS OCP



O grupo de trabalho do Notas de Contacto é bastante heterogéneo no que diz respeito às capacidades de cada participante. Este facto é um dos grandes desafios da equipa pois queremos desenvolver as capacidades individuais à velocidade de cada um, embora, o nosso objetivo final seja a junção e interação do grupo completo, visto as nossas apresentações públicas incluírem sempre todos os clientes que desejem participar. Assim, é necessário desenvolver tipos de metodologias diferente que possam permitir, por um lado, que os mais autónomos desenvolvam livremente todas as suas capacidades e, por outro, que os mais dependentes consigam também aprender conceitos que lhes permitam desta forma interagir e participar de forma adequada com o restante grupo. Assim, existem três grandes divisões em termos de trabalho e metodologias, de forma a potenciar o desenvolvimento individual de cada um destes grupos sempre com o objetivo final da união e inclusão de ambos.



As metodologias utilizadas durante as sessões semanais, do grupo mais autónomo, têm como objetivo a transmissão dos conceitos musicais utilizados em qualquer orquestra ou grupo musical, tais como: o desenvolvimento da pulsação, o ritmo ou a melodia, pretendendo também a incorporação da liberdade criativa individual, da autonomia e da capacidade de ouvir e de intervir de forma positiva dentro do grupo. Foram desenvolvidas duas vertentes distintas para a obtenção destes diferentes parâmetros:

[1] a aprendizagem de uma simbologia - tanto escrita como gestual - que permita o rápido entendimento e resposta às alterações musicais referentes, por exemplo, ao ritmo ou às dinâmicas.

[2] a introdução do conceito de improvisação livre.

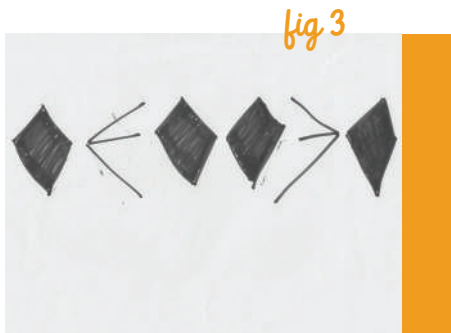
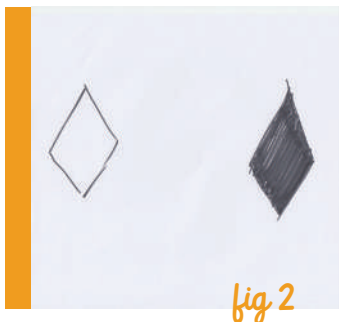
Partituras
Adaptadas

metodologias

CERCI



Em relação ao primeiro ponto, a visível capacidade e motivação dos clientes para aprender diferentes conteúdos, e a já referida, necessidade de desenvolvimento de autonomia dentro do grupo, levou a equipa a utilizar uma simbologia inspirada no método Percustra. Este método foi criado pelo Grupo de Percussão de Estrasburgo e tem, resumidamente, como objetivo principal a criação de uma simbologia gráfica permitia a que, um grupo de amadores possa tocar rapidamente, em conjunto, sem ser necessário recorrer à, muitas vezes morosa e complexa, aprendizagem dos símbolos musicais tradicionais dispostos numa pauta **(figura 1)**.



Verificou-se de imediato o positivo funcionamento deste método com os nossos clientes, passando a ser possível desenvolver a leitura dos referidos símbolos os que potenciaram um grande desenvolvimento da pulsação e uma construção mais complexa de padrões rítmicos **(figuras 2 e 3)**.

Ao nível gestual, fomos desenvolvendo a atenção, concentração e comunicação não verbal no sentido de que transmitimos, entre outros, gestos físicos referentes a alterações de dinâmicas, tempo ou início/finalização da intervenção musical individual ou em grupo.

A diversidade dos mesmos retrata-se com a existência de meios para incitar, também, à inspiração e expiração, pausas ou suspensões que permitiram, por sua vez, desenvolver pequenas peças musicais, onde se promove a concentração no sentido de se conseguir manter a individualidade rítmica dentro de um grupo, quando outro, ao lado, poderá estar a realizar uma linha oposta **(figuras 4, 5 e 6)**.

Esta simbologia foi inicialmente aplicada aos sons vocais **(figuras 7, 8, 9 e 10)** e corporais por se denotar que era mais fácil a sua leitura e desenvolvimento sem a utilização dos instrumentos. No entanto, verificou-se que, progressivamente, a agilidade da leitura e reconhecimento dos referidos os símbolos possibilitou a sua aplicação a instrumentos, sendo que, o passo seguinte nos levou à introdução de cores que passaram a diferenciar os timbres, de um mesmo instrumento, ou serem significativos da mudança de instrumento **(figura 11)**.

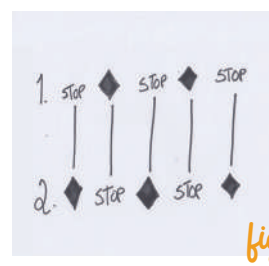
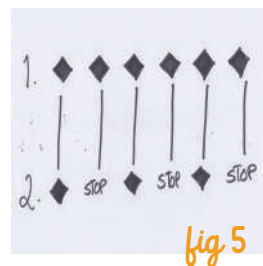


fig 7

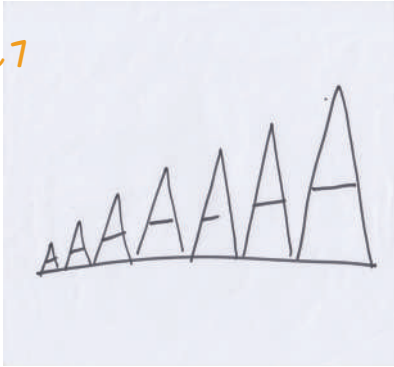


fig 8



fig 9

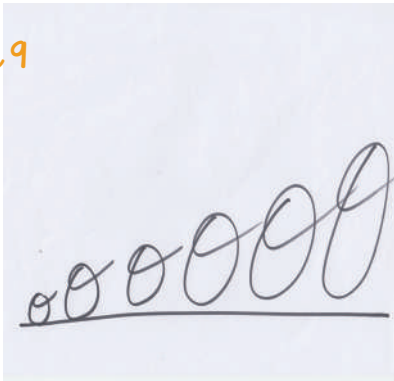
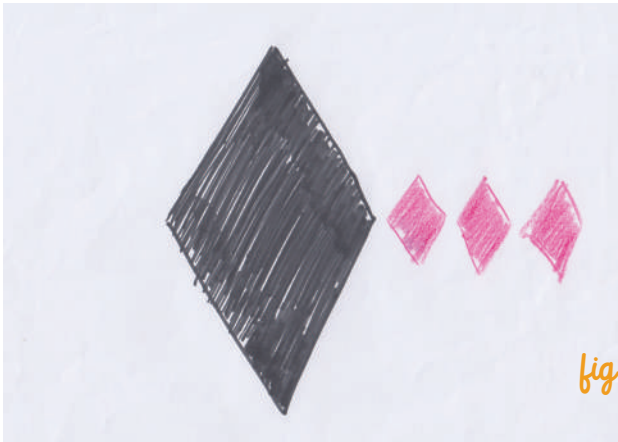


fig 10



fig 11



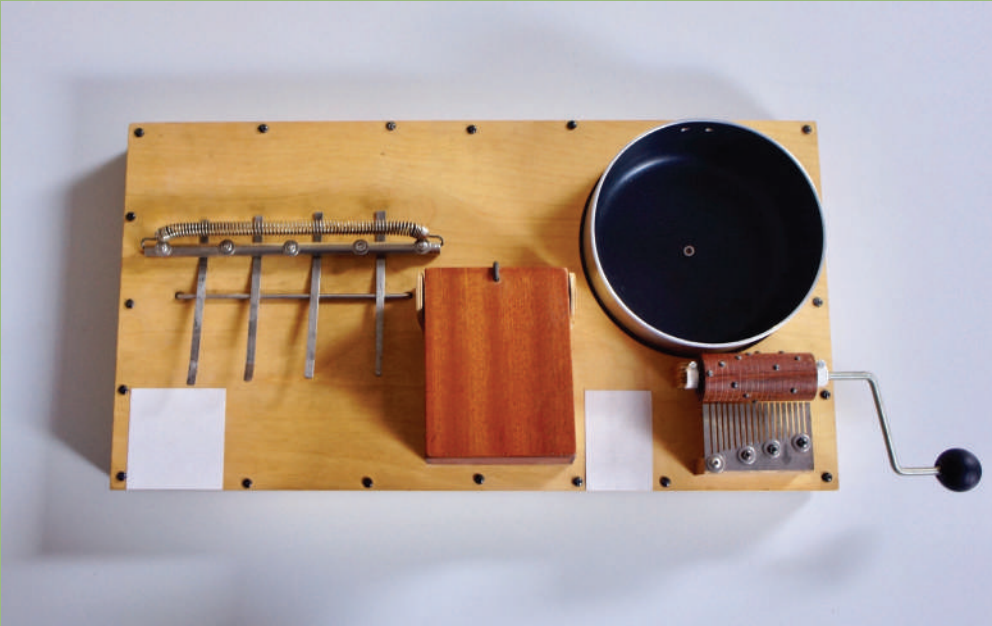


INSTRUMENTOS

ADAPTADOS

BARRIGÃOCELO

MESA PERCUSSIVA (PARA CADEIRA DE RODAS)



CADEIROSCELO

AVENTAL PERCUSSIVO



A young man with Down syndrome is shown from the chest up, sitting and playing a maraca. He is wearing a white t-shirt with the text "PERNAMBO MÀGICO" visible. The background is dark with faint, colorful patterns of musical notes and the letters A, B, C, D, E. A large pink arrow points from the left towards the text.

**PARTI-
TURAS
ADAPTA
DAS**










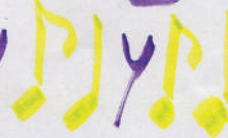

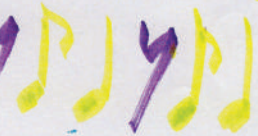
Alphabet - Klavier (40 Klip)

ABCD d d d d
 d d d d d d d d
 d d d z z d d d d
 d d d d d d d d
 d d d z z A B C
 D E F G H d d d d
 d d d d d d d d
 d d d z z d d d

Alphabet - Klavier (40 Klip)

A B C D E F G H
 d d d d d d d d z z z
 A B C D d d d d d d d
 d d d z z z A B C D E
 F G H I J K L d d d d
 d d d d d d z z z
 A B C D d d d d d d d
 d d d d z z z ||

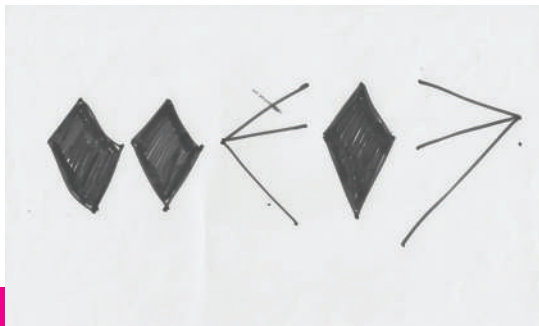
Alphabet - Klavier (40 Klip)

A B C D E z y  z z z
 z z y  z A B
 C D E F G H I K L
 M y  z z z y 
 y  A B C D E F G H =|
 A B C D E z z z y 
 y  A B C D E F
 G H I J K L M y 
 y  A B y 

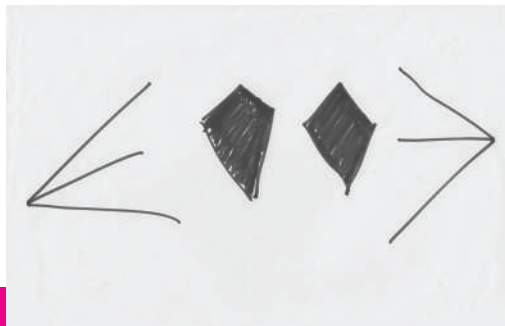
(Solti)

Handwritten musical notation for Timbale. The notation consists of rhythmic patterns represented by vertical stems and flags, with letters A through G placed above or below the notes. The letters are color-coded: A (green), B (blue), C (purple), D (green), E (blue), F (purple), and G (green). The notation is organized into several lines, each corresponding to a letter or a sequence of letters. The word "Timbale" is written at the top right.

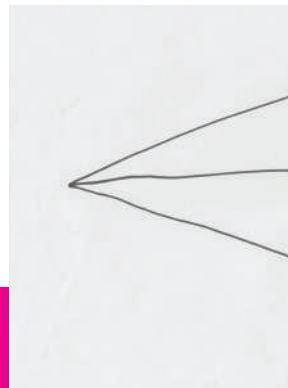
Handwritten musical notation for Flute. The notation consists of rhythmic patterns represented by vertical stems and flags, with letters A through H placed above or below the notes. The letters are color-coded: A (green), B (blue), C (purple), D (green), E (blue), F (purple), G (green), and H (blue). The notation is organized into several lines, each corresponding to a letter or a sequence of letters. The word "Flute" is written at the top right.



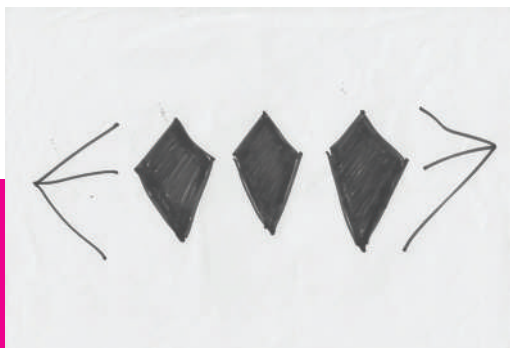
2 SONS CURTOS - INSPIRAR - SOM CURTO - EXPIRAR



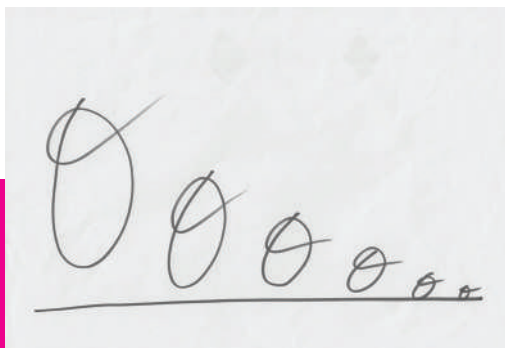
INSPIRAR - 2 SONS CURTOS - EXPIRAR



INSPIRAR = CRESCER



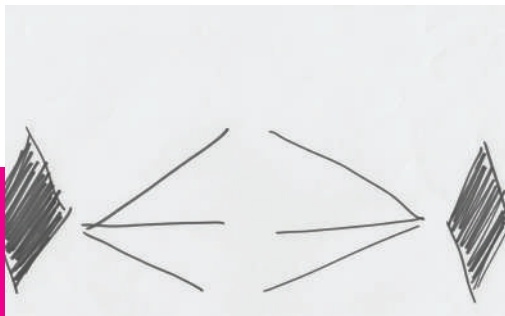
EXCERTO DE PARTITURA DO CONCERTO NA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



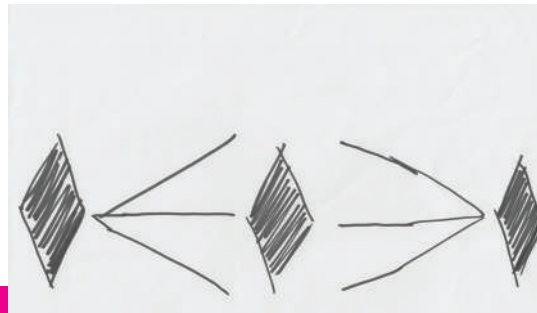
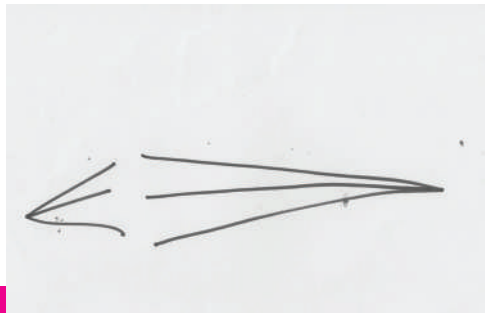
DIMINUENDO COM LETRA O



INCLUSÃO DE UMA CÉLULA RÍTMICA MAIS RÁPIDA

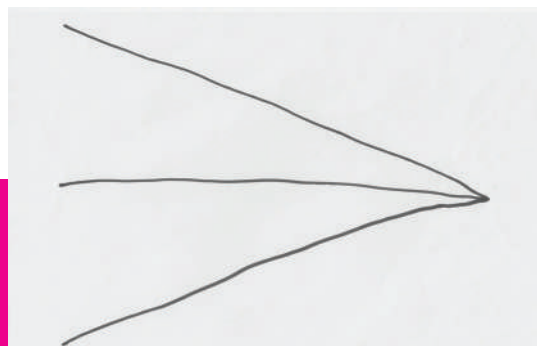
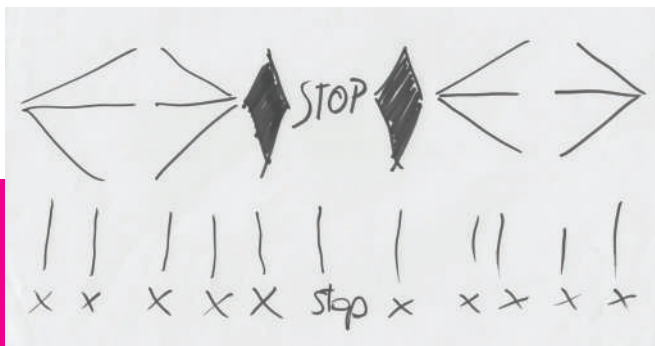


EXCERTO DE PARTITURA DO CONCERTO NA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
27/01/2018




INSPIRAR RÁPIDO - EXPIRAR LENTO

SOM CURTO - INSPIRAR - SOM CURTO - EXPIRAR - SOM CURTO



EXERCÍCIO PARA DEFINIR DURAÇÃO DA RESPIRAÇÃO

INSPIRAR - SOM CURTO - EXPIRAR - SOM CURTO



**MET-
ODOLO
GIAS**

**CERCI-
OEIRAS**



CERCIOEIRAS

ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

A **CERCIOEIRAS** tem como Visão ambicionar ser uma organização de excelência e referência na construção de uma sociedade inclusiva.

Tem como Missão integrar, educando, reabilitando e cuidando, ao longo da vida, os clientes e suas famílias, com excelência e sustentabilidade.

Tem como Valores, o Respeito pela Pessoa, a Qualidade e Excelência, a Responsabilidade Social, a Inovação e Empreendedorismo, a Cooperação, a Responsabilidade ambiental e a Diversidade.

A **CERCIOEIRAS- Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Incapacidade, CRL** é uma instituição de Solidariedade Social e de Utilidade Pública [Despacho Publicado no Diário da República II, série nº 193 de 23 de Agosto de 1985], reconhecida pelo Instituto António Sérgio, do setor Público.

A CERCIOEIRAS foi fundada em 1975, por um grupo de pais e de técnicos da área da reabilitação, como resposta à insatisfação tida com o atendimento prestado aos seus filhos, com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais. Assim, a instituição tem desde então, procurado esse atendimento por meio da inserção de métodos e técnicas científicas, aplicadas por profissionais de diferentes áreas, como a psicologia, serviço social, terapia ocupacional, psicomotricidade, fisioterapia e educação física.

A **CERCIOEIRAS** é constituída por várias respostas sociais e serviços, no entanto, o Projeto **Notas de Contacto**, integra clientes do Centro de Atividades Ocupacionais.

A Missão do **CAO** é desenvolver ações e programas de apoios terapêuticos/atividades orientados para potencializar as capacidades de cada pessoa com deficiência, promovendo a qualidade de vida e integração nos seus contextos de desempenho.

O CAO tem delineado como objetivos gerais:

- Desenvolver um plano individual para o cliente que vá de encontro aos seus hábitos de vida, interesses, necessidades e expectativas, potencializando o máximo das suas capacidades;
- Promover o desenvolvimento de qualidade de vida, de autonomia e de igualdade de oportunidades, para evitar situações de discriminação e exclusão social; Apoiar a pessoa no seu papel de Auto-Representantes, auxiliando na identificação e usufruto dos seus direitos, promovendo a participação ativa nos seus contextos de desempenho;
- Privilegiar a interação com a família e significativos e com a comunidade, no sentido de otimizar os níveis de atividade e participação social;
- Contribuir para a promoção de uma sociedade inclusiva, promovendo a participação em atividades e contextos sociais
- Desenvolver ações e programas de apoios terapêuticos/atividades orientados para potencializar as capacidades de cada pessoa com deficiência, promovendo a qualidade de vida e integração nos seus contextos de desempenho.

O CAO está organizado em 2 Núcleos: **Núcleo Terapêutico e de Bem-estar (NTBE)** e **Núcleo Ocupacional e Social (NOS)**, dando resposta a 95 clientes.

As atividades desenvolvidas no **NTBE** são de cariz terapêutico e sensorial, com uma intervenção especializada, para dar resposta às necessidades específicas do perfil dos clientes, que apresentam um quadro de grande dependência ao nível da funcionalidade e autonomia, bem como de mobilidade.

O **NOS** apresenta na sua composição clientes com maior grau de autonomia, funcionalidade, mobilidade e até comunicação. As atividades desenvolvidas nos NOS são socialmente úteis, estritamente ocupacionais, desportivas, terapêuticas e de desenvolvimento pessoal e social.

DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E DESENVOLVIMENTAL E MULTIDEFI- CIÊNCIA

Sendo as Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais uma das populações que a **CERCIOEIRAS** atende, de seguida será feita a sua caracterização, nomeadamente em termos de Definição, Etiologia, Classificação e Características.

Ao longo dos tempos, a definição de DID tem evoluído, sofrendo variadas alterações, nomeadamente no seu paradigma (Luckasson et al., 2002; Morato e Santos, 2007; Santos e Morato, 2007; Santos e Morato, 2012; Santos e Santos, 2007; Schalock et al., 2007; Schalock et al., 2010; Valente, Santos e Morato, 2011), de modo a que fossem encontrados critérios de definição universais e claros (Thompson et al., 2004) deixando de se centrar apenas nas características da pessoa, enquanto ser biológico, para passar a ter-se em conta também as interações que o sujeito estabelece com o seu envolvimento, em termos funcionais (Grossman, 1983; Luckasson et al., 2002; Santos e Santos, 2007; Schalock et al., 2007; Schalock et al., 2010). Assim, o paradigma atual baseia-se nas interações sujeito-envolvimento, referindo que a avaliação psicométrica da inteligência e social (que inclui o comportamento adaptativo) (Thompson et al., 2004), juntamente com aplicação de apoios individualizados pode levar à melhoria do funcionamento e desempenho do mesmo (Luckasson et al., 2002; OMS, 2001; Salvador-Carulla et al., 2011; Schalock et al., 2007; Schalock et al., 2010; Thompson et al., 2004; Thompson et al., 2009; Valente et al., 2011; Wehmeyer, 2003). Posto esta explicação, o conceito de DID é composto por três critérios, sendo então caracterizada pela existência de dificuldades ao nível do funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, que se manifestam nos diversos contextos de vida do sujeito, sendo necessárias ocorrerem antes dos 18 anos de idade (APA, 2013; Luckasson et al., 2002; Schalock et al., 2007; Schalock et al., 2010).

De modo a clarificar o significado de comportamento adaptativo, Santos e Morato (2012) referem-no como sendo o grau de independência pessoal que a pessoa com DID tem, permitindo que apresente um equilíbrio naquilo que são as suas expectativas e as suas responsabilidades pessoais e sociais, permitindo ter um

papel e participação ativa na sua sociedade. Sendo o funcionamento intelectual um dos critérios de diagnóstico de DID, a sua avaliação tem por base o quociente de inteligência (QI), sendo que estes sujeitos devem apresentá-lo com dois desvios-padrão abaixo da média, verificando-se o mesmo para o comportamento adaptativo (Schalock et al., 2010). Contudo, é de salientar que, para se proceder a essa avaliação, é necessário recorrer-se a instrumentos de avaliação validados para esta população (Santos, Morato e Luckasson, 2014). Na mesma linha de pensamento, vários autores (Luckasson et al., 2002; Luckasson e Schalock, 2013, Schalock et al., 2007; Schalock et al., 2010), referem a existência de cinco condições que permitem um melhor entendimento do conceito de DID, sendo elas:

- As dificuldades do funcionamento referem-se ao nível intelectual e do comportamento adaptativo;
- A avaliação que é feita desse funcionamento, para ser válida, deve ter em conta a diversidade de culturas, de línguas, sensoriomotoras, comunicativas e comportamentais;
- O sujeito com DID, embora apresente diversas limitações, ou seja, áreas mais fracas em que são necessários apoios, apresenta também áreas fortes;
- As limitações dos sujeitos necessitam de ser conhecidas, para a existência da criação de planos de intervenção individualizados, ou seja, prestação de apoios individuais que respondam às necessidades de cada sujeito;
- E, por fim, os apoios disponibilizados, devem ter como finalidade a melhoria significativa no funcionamento dos indivíduos com DID, nas diversas atividades de vida, de cada um.

No que se refere à classificação, tal como já foi referido anteriormente, não é considerado apenas o valor do QI e do comportamento adaptativo, mas sim, tem-se em conta um sistema multidimensional do funcionamento humano juntamente com os apoios necessários para o desempenho e funcionalidade do sujeito com DID, na vida diária (Harris, 2006; Luckasson et al., 2002; Schalock et al., 2010; Schalock e Luckasson, 2015). Desta forma, o modelo multidimensional do funcionamento humano é composto por cinco domínios (habilidades intelectuais, comportamento adaptativo, saúde, participação na sociedade e contexto) e pelo papel desempenhado pelos apoios necessários ao funcionamento do sujeito, e o que os mesmos representam para o indivíduo (Schalock et al., 2010; Schalock e Luckasson, 2015). Embora existam variados sistemas de classificação da DID, em termos universais, tendo em conta WHO (2015), a DID é classificada conforme os valores de QI e a severidade das limitações apresentadas pelos sujeitos, indo ao encontro do que é apresentado pelo DSM-V (APA, 2013) apresentando as seguintes denominações:

- **DID “ligeira”**, cujo QI está entre 50 e 69, e os sujeitos apresentam dificuldades de aprendizagem na escola e limitações na manutenção das relações interpessoais, sociais e no trabalho;
- **DID “moderada”**, com QI entre 35 e 49, apresentando limitações notórias em termos desenvolvimentais, comunicativas, habilidades académicas, cuidados pessoais e participação na sociedade;
- **DID “severa”**, cujo QI é entre 20 e 34, necessitando de apoios contínuos;
- **DID “profunda”**, com QI inferior a 20, com grandes dificuldades nos cuidados pessoais, relações interpessoais, autonomia e mobilidade;

- E, por fim, **DID sem especificação**.

No que refere à etiologia da DID, segundo Harris (2006), existe uma multiplicidade de causas que devem ser conhecidas, de modo a facilitar a compreensão da DID e adequar a intervenção à referida população (Santos, 2012). Para Harris (2006) existe uma relação entre predisposição genética, hereditariedade, limitações no desenvolvimento e fatores de risco, constituindo assim as várias causas para a DID. Contudo, Luckasson et al. (2002) e Schalock et al. (2010) referem quatro causas:

- **Fatores Biomédicos:** relacionados com os processos biológicos que ocorrem, nomeadamente alterações genéticas e de nutrição;
- **Fatores Sociais:** Incluem as interações sociofamiliares e a estimulação;
- **Fatores Comportamentais:** relacionam-se com o efeito/consequência provocado/a por determinadas situações (e.g.: abuso ou negligência parental, comportamentos que ponham em risco a saúde do sujeito);
- E, por fim, **Fatores Educacionais:** refere-se aos diversos apoios educacionais que melhoram o desenvolvimento intelectual e capacidade adaptativa dos sujeitos. Além dessa classificação, os fatores podem ainda ser agrupados tendo em conta o seu momento de ocorrência, sendo classificados em (Harris, 2006; 2010; Schalock et al., 2010);
- **Pré-Natal:** ocorrem antes do nascimento, nomeadamente na concepção e desenvolvimento do embrião (e.g.: alteração cromossómica);
- **Perinatal:** ocorrem durante o nascimento (e.g.: lesão ocorrida nesse momento);

Apesar de esta população ser bastante diversificada e apresentar heterogeneidade de características, de acordo com diversas variáveis, existem características que são transversais aos sujeitos com DID. Deste modo, serão apresentadas as principais características a nível cognitivo, socio emocional, psicomotor e da linguagem.

Em termos de características cognitivas, a literatura é consensual, uma vez que afirma que a população com DID apresenta limitações nos domínios da atenção, concentração e memória, resultando em dificuldades em focar e manter a atenção em um estímulo específico, distraíndo-se facilmente (Fonseca, 2001; Santos e Morato, 2002), apresentado ainda baixa tolerância à frustração e falta de motivação e persistência nas tarefas (Burack, Hodapp e Zigler, 1998). Além disso, apresentam ainda dificuldades de armazenamento, processamento e recuperação das informações anteriormente mencionadas, limitações na representação simbólica, no raciocínio lógico e prático, tomada de decisões, dificuldades na generalização de situações de causa-efeito e na resolução de problemas (Fonseca, 2001; Fonseca, 2005; Santos e Morato, 2002). Fonseca (1995; 2001) refere ainda que os sujeitos com DID apresentam dificuldades nos processos de aprendizagem das AVD's, independência e na aprendizagem de conteúdos académicos. Contudo, é de referir que as limitações que estes sujeitos apresentam são visíveis quando comparados com os seus pares de desenvolvimento típico (Van der Molen, Van Luit, Van der Molen e Jogmans, 2010).

A capacidade de reconhecer e interpretar as emoções e sentimentos dos outros é uma das formas necessárias à interação social. Para Salvador-Carulla et al. (2011), as pessoas com DID caracterizam-se por apresentarem dificuldades em termos de compreensão do comportamento social e dos comportamentos adequados às diferentes situações e contextos. Nesta perspetiva, geralmente está associada a



psicomotoras se relacionam com o nível de comportamento adaptativo. Nesta perspectiva, Fonseca (1995), afirma que toda a pirâmide que constitui o desenvolvimento psicomotor humano encontra-se afetado, desde as questões relacionadas com o tônus até às motricidades. Santos e Morato (2007), como resultado da aplicação da ECAP [Escala do Comportamento Adaptativo, versão Portuguesa], mostram que estes sujeitos apresentam dificuldades de coordenação oculo manual e podal, noção do corpo, lateralidade, capacidades manipulativas, equilíbrio e coordenação global, indo ao encontro do que é referido por Fonseca (1995).



esta população a dificuldade na aquisição e retenção de regras e condutas sociais, capacidade de iniciativa, interação social, em que, como resultado, tendem a ser pessoas mais isoladas e apáticas [Burack, Hodapp e Zigler, 1998; Fonseca, 1995]. Salvador-Carulla et al. (2011) refere que, também apresentam dificuldades de compreensão e gestão das suas próprias emoções, comportamentos e relações interpessoais. Como consequência disso, apresentam maior vulnerabilidade a situações de stress [Hartley e MacLean, 2009], o que pode estar associado também à baixa tolerância à frustração, mencionada anteriormente por Burack, Hodapp e Zigler (1998). Em termos de reconhecimentos de expressões emocionais faciais, Scotland et al. (2015) refere que as pessoas com DID também apresentam dificuldades nessa área, comprometendo as interações com os pares, indo ao encontro do referido por Burack, Hodapp e Zigler (1998) e Fonseca (1995). No que se refere ao domínio motor e psicomotor, Santos e Morato (2012) referem que os sujeitos com DID apresentam níveis inferiores nestes domínios, comparativamente aos seus pares, sendo que as dificuldades

Quanto à linguagem, a literatura afirma que apresentam dificuldades ao nível da linguagem **tanto** recetiva como expressiva, sendo a comunicação verbal mais afetada comparativamente com a não-verbal [Fonseca, 1995; 2001]. Além disso o mesmo autor menciona ainda que podem surgir ecolalias, estereotípias, dificuldades articulatórias, discurso pouco fluente e impreciso, sendo que muitas das vezes é difícil a compreensão das necessidades que apresentam. Para Rosenberg e Abbeduto (2013), estes sujeitos apresentam dificuldades na compreensão dos tempos verbais, devido à sua abstração e significado, e Iacono e Johnson (2004) mencionam as dificuldades de perceber o discurso do que é referido e expressar as suas ideias e pensamentos, quer por incorreta formulação sintática, quer por falta de vocabulário. Esta última ideia vai ao encontro do que é dito por Grove, Bunning, Porter e Olsson (1999), onde estes autores afirmam que tal ocorre, uma vez que os sujeitos com DID apresentam uma grande dependência da interpretação que as outras pessoas fazem para perceberem os seus discursos. O nível de consciência que as pes-



soas com DID têm acerca das suas ideias e pensamentos leva a que, muita das vezes têm tendência em concordar com os discursos das outras pessoas, não contradizendo as interpretações dos outros, mesmo que não seja a correta. Assim sendo, apresentam também dificuldades de leitura, devido ao facto de ser necessário recorrer à descodificação e interpretação das palavras, e de terem dificuldades no processamento fonológico (Connors, Atwell, Rosenquist e Sligh, 2001).

MULTI DEFICIÊN CIA

Segundo o Ministério de Educação (ME) (2008), os sujeitos com multideficiência caracterizam-se por apresentarem combinadas e acentuadas limitações, que influenciam e prejudicam o seu desenvolvimento, apresentando graves dificuldades no que se refere à aprendizagem e participação nos vários contextos de vida. Além disso, é referido ainda pelo ME que as limitações e a funcionalidade que o sujeito apresenta, são o resultado da interação dos fatores ambientais e das suas condições de saúde. Para Harding, Lindsay, O'Brien, Dipper e Wright (2011); Mencap (2013) Orelove e Sobsey (2000); Orelove, Sobsey e Silberman (2004); e Saramago et al. (2004) referem que a multideficiência apresenta limitações severas no domínio cognitivo, combinadas com uma ou mais limitações a nível motor e/ou sensorial, podendo ainda necessitar de apoios e cuidados médicos específicos. Essas limitações, segundo os mesmos autores, interferem com a interação que os sujeitos estabelecem com o ambiente de forma natural. Esta última ideia vai ao encontro do que Mansell (2010) e Nunes (2008) referem, quando mencio-

nam que os sujeitos com multideficiência carecem de grande apoio na maioria dos aspetos da sua vida, nos variados contextos [e.g.: alimentação, higiene, participação social, etc.]. Porém, Nunes [2001] afirma que o conceito de multideficiência não se resume apenas à combinação de

tação de um grupo heterogéneo de indivíduos. Contudo podem apresentar características específicas.

Segundo Smith [2008], em muitos dos casos, a causa da multideficiência não é conhecida, uma vez que é necessário ter em conta vários aspetos que podem determinar a causa para a ocorrência da multideficiência, como é o caso da hereditariedade e problemas durante a gravidez [antes, durante e após]. Seguindo esta linha, Kirk e Gallagher [1979] apresentam o efeito provocado por uma determinada alteração ocorrida em momentos específicos do desenvolvimento do sujeito: conceção, pré-natal, perinatal e pós-natal.

No que se refere às características, tendo em conta o que é referido pelo Ministério da Educação [2008], estas são determinadas conforme a combinação das limitações apresentadas pelo sujeito, pelo momento temporal em que ocorrem e ainda pelas experiências vividas pelos mesmos. Contudo, tal como foi dito anteriormente, apesar de serem um grupo heterogéneo de indivíduos, segundo Mansell [2010] e Nunes [2005] apresentam características específicas, nomeadamente:

- **Limitações em algumas funções mentais;**
- **Dificuldades ao nível da comunicação e linguagem** [e.g.: compreensão e produção de mensagens orais];
- **Dificuldades ao nível do domínio motor [e.g.: marcha, manipulação de objetos, motricidade fina];**
- **Podem ainda apresentar dificuldades ao nível da visão e audição**

Quanto à participação, Amaral [2002] refere como principais dificuldades: interação com o envolvi-

to, seleção relevante de estímulos, concentração e atenção, resolução de problemas e compreensão e interpretação da informação recebida.

BOAS PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO NAS PESSOAS COM DID

Visto que a população com DID apresenta diversas limitações em termos funcionais, a literatura tem vindo a investigar diferentes alternativas e estratégias de modo a compensar essas limitações, facilitando a integração ativa desses sujeitos no seu envolvimento [Valente et al., 2011] e promovendo os seus interesses [Santos e Morato, 2007]. Como foi visto anteriormente, a população com DID apresenta um desenvolvimento e aprendizagem mais lento, comparativamente à restante população. Os objetivos terapêuticos devem ser estabelecidos conforme as suas necessidades, características [Valente et al., 2011], competências e limitações [Santos, 2007]. Além disso, segundo a autora, devem ter-se em conta as prioridades da pessoa, de modo a melhorar a sua qualidade de vida. Ainda nessa perspetiva, Santos e Morato [2002], mencionam

que os técnicos que realizam intervenção nos sujeitos com DID devem promover atividades, que desenvolvam o seu sentido de autonomia e funcionalidade, em todos os domínios, levando à tomada de decisões e resolução de problemas de forma autónoma. Por outro lado, Verdugo e Bermejo (2001), referem que a intervenção deverá ser válida do ponto de vista social, legal e prático, de modo a construir atitudes positivas face às pessoas com DID. Relativamente a este tópico, é importante que o envolvimento integre estes indivíduos na sociedade, facilitando o alcance dos seus objetivos, de forma independente (Valente et al., 2011), uma vez que, tal como refere Negrine (1995, cit. in Filho, 2003), é importante realizar de forma independente, para possibilitar a existência das vivências e atribuição dos respetivos significados. Schalock et al. (2010) menciona que devem ser criados apoios individualizados, tendo em conta as necessidades dos sujeitos, de modo a promover o desenvolvimento de respostas adaptadas, contribuindo para a sua independência, o que vai ao encontro de Valente et al. (2011). Além disso, os apoios, independentemente da sua duração e intensidade, como foi visto anteriormente, devem ser centrados na pessoa com DID e devem ir ao encontro das suas necessidades, desejos e interesses (Brown, Parmenter e Percy, 2007; Butterworth, 2002). Assim, de uma forma geral, Aharoni (2005) menciona que pelo facto de ser uma população cujas características são muito diversificadas e heterógenas, a intervenção deve ser adequada a cada sujeito, tendo também um impacto na sua vida diária, o que vai ao encontro de Martins (2001). Como foi dito anteriormente, pelo facto de esta população apresentar diferentes características, são necessários apoios que respondam a essas mesmas características e necessidades. Para esta população, Mansell (2010) refere que existem vários elementos no que diz respeito às boas práticas de intervenção, nomeadamente:

- Apoios individualizados e centrados no sujeito (Carnaby e Pawlyn, 2009), nas suas necessidades e interesses, determinando estratégias apropriadas (Carnaby, 2009) para ultrapassar os obstáculos (e.g.: barreiras entre os cuidados de saúde e sociais), de forma coordenada. Tornar a família como membro ativo na intervenção, apresentando um papel de técnico do seu familiar com multideficiência e apoiar outras famílias nas mesmas condições; além disso os apoios/serviços não devem ser centrados apenas no indivíduo, mas sim em torno da família.
- Os apoios devem focar-se na promoção da qualidade da relação, estabelecida entre o sujeito e a equipa técnica, que fornece a intervenção, com o intuito de promover uma melhoria na qualidade de vida da pessoa. Um aspeto importante para a criação desta relação é a comunicação, em que os técnicos devem tentar perceber qual o tipo de comunicação que o sujeito privilegia. Os apoios devem ser continuados, para manter a qualidade de vida do sujeito.

ANA ISABEL DIAS
ANA MAFALDA ROQUE

TÉCNICAS SUPERIORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E REABILITAÇÃO



A CERCIOEIRAS é uma instituição com 42 anos de existência, especializada e pioneira na resposta multidisciplinar a pessoas com Deficiência Intelectual e Desenvolvidamental, com patologia muito severa e profunda, cuja resposta na comunidade é mais deficitária e, ainda, crianças com vulnerabilidade social.

NOTAS DE
CONTAC-
TO A OCP-
SOLIDÁRIA NA
CERCIOEIRAS
- UM EXEM-
PLO DE BOAS
PRÁTICAS, IN-
OVAÇÃO E IN-
CLUSÃO



No âmbito da responsabilidade social, a Orquestra de Câmara Portuguesa - Associação Musical (OCP) desenvolve um conjunto de projetos pedagógicos e sociais. O Notas de Contacto - a OCPsolidária na CERCIOEIRAS é um projeto cofinanciado pelo programa PARTIS da Fundação Calouste Gulbenkian, de acesso à cultura e aprendizagem através da música para pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais.

O objetivo deste projeto prende-se com a missão central da CERCIOEIRAS: integrar, educar, reabilitar segundo parâmetros de excelência. Através de estímulos ligados à aprendizagem musical, pretende-se desenvolver competências que contribuam ativamente para uma maior capacitação e autonomia destas pessoas. Tenciona-se que este impacto se repercuta significativamente nas suas rotinas sociais e nos seus objetivos. Dessa forma, promove o ensino da música a pessoas com deficiência intelectual e multideficiência, com o objetivo de estimular a formação musical como forma de desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais dos clientes.

A aprendizagem musical é adaptada à especificidade física e intelectual de cada cliente e pretende dar visibilidade e dignificar o trabalho desenvolvido pelas pessoas com deficiência, envolvendo as famílias, colaboradores, estagiários, voluntários, parceiros e a comunidade em geral.

Atualmente, o Projeto Notas de Contacto, dá resposta a 40 clientes, do Centro de Atividades Ocupacionais da CERCIOEIRAS, com idades compreendidas entre 23 e os 69 anos.

As sessões destinam-se a clientes do Núcleo Ocupacional e Social e do Núcleo Terapêutico e de Bem-Estar, constituído por adultos com Deficiência Intelectual, Deficiência Motora e Multideficiência.

Os músicos da OCP em parceria com os terapeutas da CERCIOEIRAS desenvolvem estratégias de aprendizagem musical para estes adultos, realizando atividades em que a música se apresenta como meio facilitador



de comunicação, mas essencialmente como ferramenta terapêutica de melhoria de competências físicas e cognitivas.

Integrando ainda uma equipa de construção de instrumentos adaptados, possibilita-se a inclusão das pessoas com deficiência severa e profunda, em atividades coletivas com os mais autónomos, favorecendo a partilha de experiências, interajuda e respeito pelo outro.

A música atua como estímulo multissensorial e assume-se nesta interação como um meio de transmissão de valores: a cooperação, o respeito, a criatividade, a imaginação e a liberdade de expressão. Os participantes têm na música uma ferramenta para encontrar o seu espaço, função e forma de comunicar. O Projeto assenta no ensino individualizado, fomentando a aprendizagem musical adaptada à especificidade física e intelectual de cada cliente.

São ainda realizadas atividades (Concertos, Aulas Abertas, Atelier Musicais, Sessão Sensibilização para colaboradores) complementares destinadas à totalidade dos clientes do CAO da CERCIOEIRAS [95], bem como aos colaboradores, famílias, estagiários, parceiros e comunidade em geral, que constituem os participantes indiretos.

METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

Ao nível da metodologia de intervenção destacamos:

- Partituras adaptadas (utilização de símbolos, cores, imagens e formas);
- Utilização de equipamentos inovadores (ex. Sound-Beam, Boomwackers) e aquisição de diversos instrumentos Orff, vibrafone, piano, bateria, violoncelo, violino entre outros. Construção de instrumentos e acessórios musicais, adaptados às capacidades motoras e cognitivas dos clientes;
- Reuniões do grupo de trabalho (entre os músicos/professores OCP e terapeutas da CERCIOEIRAS) e intervenção direta dos terapeutas nas sessões de música.

BOAS PRÁTICAS E REPLICABILIDADE DO PROJETO

Reconhecemos como boas práticas que podem ser replicadas em outros contextos e populações, as seguintes:

- Ensino da música a pessoas com deficiência intelectual e multideficiência, com vista ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais;
- Aprendizagem musical adaptada à especificidade física e intelectual de cada cliente. O projeto já desenvolveu estratégias muito específicas de ensino da música adaptado à deficiência, nomeadamente através da utilização de notações não convencionais. Reconhecemos igualmente neste material o potencial de aplicação em contexto de ensino especial aplicado ao ensino artístico;
- No caso dos clientes com reduzida autonomia física e cognitiva, foram criados instrumentos adaptados sob a coordenação de um construtor de instrumentos com experiência em projetos com pessoas com deficiência;

- Dar visibilidade e dignificar o trabalho desenvolvido pelas pessoas com deficiência, envolvendo as famílias, parceiros e comunidade em geral nas atividades do projeto;
- Visitas e ações de benchmarking, com vista a promover a partilha de experiências e metodologias de intervenção nas áreas artísticas entre profissionais de diversas instituições (Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra [Concerto partilhado com o Grupo 5ª Punkada], APPACDM de Coimbra, CECD Mira Sintra);
- O manual contribuirá também para que as metodologias e estratégias possam ser generalizados para outros contextos e populações;
- Música como facilitador da comunicação;
- Criação de instrumentos musicais adaptados às condicionantes dos clientes, sob a orientação do construtor Miguel Ralha;
- Inclusão dos clientes em atividades musicais, partilhando essas experiências com músicos profissionais;
- Integração dos clientes em concertos da Orquestra de Câmara Portuguesa;
- Apresentação artística do projeto em atividades promovidas pela CERCIOEIRAS.

Atividades

As atividades do Projeto foram as seguintes:

- Aulas semanais que integram manuseamento de instrumentos, compreensão de notação, interiorização e memorização de partituras, trabalho de grupo nos ensembles de música de câmara, etc.
- Apresentações públicas individuais e em ensembles, em que os clientes são autónomos enquanto instrumentistas/músicos;
- Aulas Abertas para as famílias;
- Atelier Musicais (piano, clarinete, tuba, violino, violoncelo, contrabaixo, percussão e trompete);
- Visitas a Museus, concertos e bailados;
- Intercâmbio com a Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra (APCC) e o seu projeto 5ªPunkada com realização de um concerto partilhado;

NOTA:

As iniciativas do projeto decorrem principalmente no concelho de Deiras, no entanto, foram realizados concertos e apresentações no concelho de Lisboa.

RESULTADOS OBTIDOS

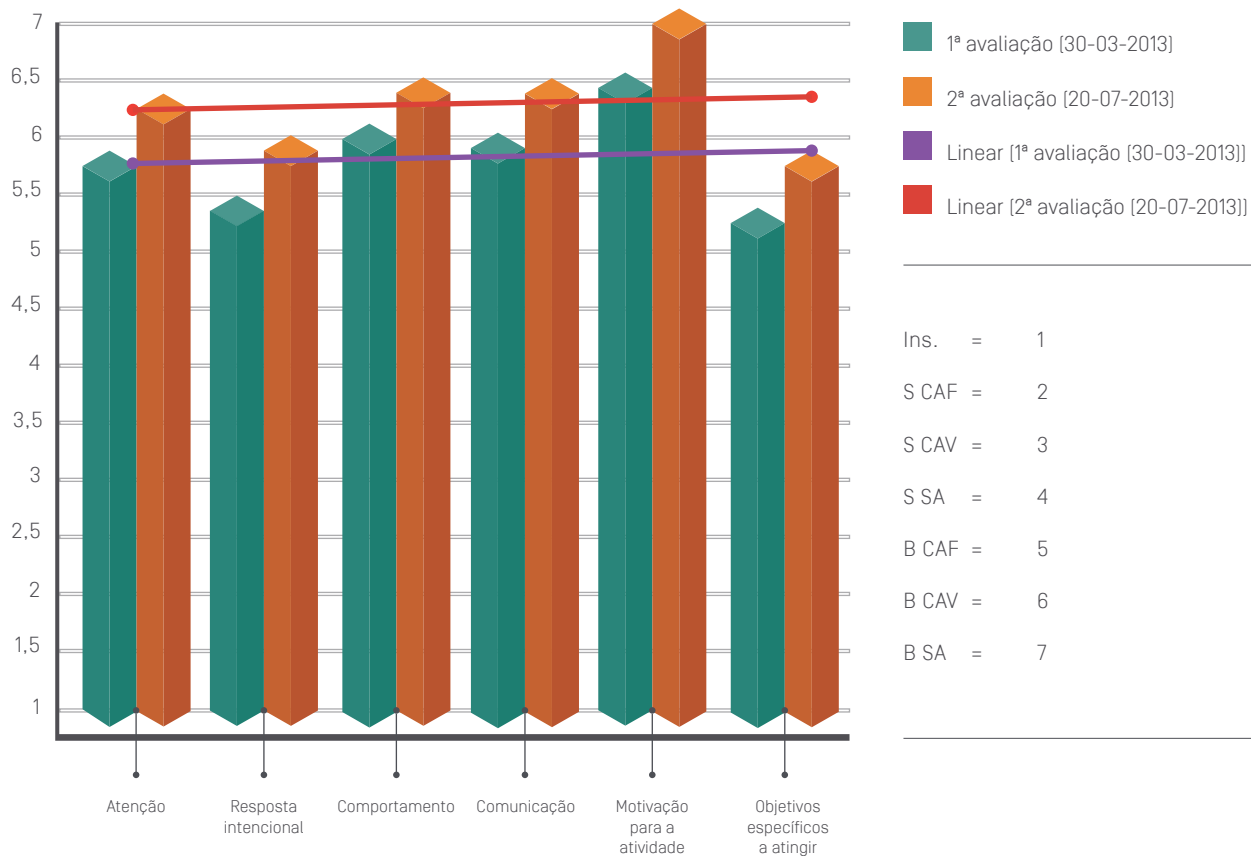


Após a implementação do Projeto ao longo de vários anos, constatamos como principais resultados: o aumento da atenção, concentração, compreensão de conceitos abstratos, adequação do comportamento durante as aulas, tolerância aos ensaios com maior duração, responsabilidade no manuseamento de instrumentos, diversificação do conhecimento dos clientes sobre os vários géneros musicais, aumento do conhecimento e da capacidade de identificar e nomear instrumentos.

Os clientes tiveram oportunidades únicas de explorar e ouvir vários instrumentos musicais (vibrafone, bateria, violino, violoncelo, clarinete, flauta, cajon, piano, trompete, xilofone, tuba, contrabaixo, gamelão da Ilha de Java, entre outros).

É de destacar a atitude em palco dos clientes, a seriedade com que tocam, a disciplina, o comportamento, a resposta às exigências que vão sendo maiores. Em suma, o seu extraordinário profissionalismo.

EVOLUÇÃO MÉDIA DOS CLIENTES ENTRE AS DUAS AVALIAÇÕES



Check-List de Avaliação do Projeto “Notas de Contacto”

A avaliação do Cliente é feita segundo uma escala qualitativa do seu desempenho - **Bom [B]**, **Suficiente [Sf]**, **Insuficiente [Ins]**, conjugada com a denominação do grau de autonomia com que realiza a tarefa - **Sem Ajuda [SA]**, **Com Ajuda Verbal [CAV]**, **Com Ajuda Física [CAF]**. Quando o cliente não desenvolve uma tarefa, por esta não se encontrar nos seus objetivos de intervenção ou por ainda não ter sido possibilitada a sua realização, é considerada a denominação de **Não Aplicável [N.A.]**.

A Check-List pode ser preenchida pelo orientador da atividade, com supervisão do Técnico responsável, que elabora o relatório de avaliação, como no seguinte exemplo:

Competências / Tarefas Projeto “Notas de Contacto”	1ª Avaliação	1ª Avaliação
	30/03/20013	30/03/20013
1. Apresentação pessoal		
Tem uma apresentação pessoal cuidada	B	
Utiliza o equipamento / vestuário necessário para a realização da tarefa (ex: roupa e calçado desportivo)	B	
Observações:		
2. Assiduidade / Pontualidade	1ª Avaliação	2ª Avaliação
Assiduidade	Sf	
Pontualidade	B	
Observações: Entrou mais tarde para o projeto		
3. Aquecimento	1ª Avaliação	2ª Avaliação
Está atento/a aos exercícios propostos	B	
Realiza os exercícios, imitando o que lhe é solicitado	Sf	
Consegue adaptar-se rapidamente a um novo exercício	S CAV	
Contribui para o bom funcionamento do grupo	B	
Interage com os pares sempre que necessário	B	
Observações:		

4. Trabalho musical técnico	1ª Avaliação	2ª Avaliação
Está atento/a às informações a si dirigidas	B	B
Compreende as tarefas que lhe são solicitadas	Sf	B
Demonstra facilidade na realização das tarefas	S CAV	S CAV
É capaz de reproduzir ritmos por imitação	B CAV	B CAV
É capaz de reproduzir ritmos aprendidos	N.A.	N.A.
É capaz de reconhecer diferentes dinâmicas	N.A.	B
É capaz de reproduzir diferentes dinâmicas	N.A.	B
É capaz de uma execução sincronizada com o grupo	Sf	Sf
Tem noção do tempo [tactus]	N.A.	Sf
Reconhece os diferentes símbolos rítmicos apresentados	-	N.A.
Compreende a relação entre os diferentes símbolos rítmicos apresentados	-	Sf
Consegue entender a mecânica do instrumento de percussão atribuído	-	N.A.
É capaz de aplicar as aprendizagens feitas nos dois primeiros momentos no seu instrumento	-	N.A.
Observações:		
5. Finalização, com audição de excerto musical	1ª Avaliação	2ª Avaliação
Mantém um comportamento adequado à audição do excerto	B	B
Reconhece excertos aos quais esteve anteriormente exposto	N.A.	N.A.
Manifesta-se emocionalmente em resposta à música	N.A.	Sf
Observações:		
6. Ensaios em conjunto	1ª Avaliação	2ª Avaliação
Responde eficazmente à indicação do professor	-	S CAV
Está atento enquanto os outros grupos trabalham individualmente	-	Sf
Conhece a sua parte	-	B
Executa a sua parte sem dificuldades	-	Sf
Aceita críticas para melhorar a sua performance	-	B
Identifica os pontos que necessitam de melhorar na sua performance	-	N.A.
Observações:		

7. Relações interpessoais no grupo	1ª Avaliação	2ª Avaliação
Respeita e cumpre o que lhe é solicitado na sessão	B	B
Respeita os outros elementos do grupo	B	B
É assertivo	N.A.	N.A.
Coloca questões relacionadas com a sessão	N.A.	N.A.
Apresenta distância interpessoal adequada	B	B
Apresenta contacto físico com os pares e responsáveis de forma adequada	B	B
Fala num tom de voz adequado	B	B
Não agride os pares verbalmente ou fisicamente	B	B
Mostra espírito de grupo e interajuda	N.A.	Sf
Ajuda os pares a realizarem os exercícios	N.A.	N.A.
Interage com todos os elementos do grupo	N.A.	B

Observações:

8. Capacidades cognitivas / Compreensão / Expressão verbal	1ª Avaliação	2ª Avaliação
Compreende as instruções dadas	Sf	B
Sabe o nome dos exercícios	N.A.	N.A.
Percebe as relações proporcionais entre ritmos	N.A.	N.A.
Percebe as diferenças de volume sonoro [dinâmicas]	N.A.	Sf
Sente-se motivado/a para a atividade	B	B
Verbaliza as suas necessidades	N.A.	Sf
Verbaliza as suas preocupações	N.A.	N.A.
Verbaliza as suas dúvidas	N.A.	Ins
Está atento/a durante a audição de excertos	B	B
Verbaliza a sua apreciação do excerto ouvido	N.A.	N.A.

Observações:

Relatório das avaliações (apreciação geral)

Aluno/a que responde bem dentro das suas capacidades. Muito bom comportamento e interesse.

Proposta de intervenção

--

PARCERIAS

Ao longo dos anos, foram estabelecidas parcerias com entidades como, a Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, a Orquestra Geração e a Orquestra Académica da Universidade de Lisboa.

PATROCÍNIOS



42
43

PARCERIAS



INSTITUCIONAIS



BIBLIO- GRAFIA

Aharoni, H. (2005). Adapted physical activities for the intellectually challenged adolescent: psychomotor characteristics and implications for programming and motor intervention. *International journal of adolescent medicine and health*, 17 (1), 33-47.

Amaral, I. (2002). Characteristics of communicative interactions between children with multiple disabilities and their non-trained teachers: effects of na intervention process. Tese de doutoramento, não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto. Porto.

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5®). American Psychiatric Pub.

Beck, G., Derrey, S., Gayral, N., Guillemin, C., Labarrere, I., Lecoeur-Pichot, C. e Rodrigues, P. (2004). La psychomotricité. *Le Journal de l'Etablissement Public de Sante Charcot Plaisir*, [18] 2-8.

Boscaini, F. (2003). O desenvolvimento psico-corporal e o papel da psicomotricidade. *A Psicomotricidade* 1 (2): 20-26.
Burack, J. A., Hodapp, R. M., Ziegler, E. (1998). Developmental approaches to mental retardation: A short introduction. In Burack, J. A., Hodapp, R. M., Ziegler, E. (Eds.). *Handbook of Mental Retardation and Development* (3-20). Cambridge University press.

Carnaby, S. (2009). Clinical Assessment of People with Profound Intellectual and Multiple Disabilities. In J., Pawlyn e S., Carnaby. (eds). *Profound Intellectual and Multiple Disabilities: Nursing Complex Needs*, 98-110. Wiley-Blackwell: United Kingdom
Carnaby, S., e Pawlyn, J. (2009). Profound intellectual and multiple disabilities: meeting complex needs through complex means. In J., Pawlyn e S., Carnaby. (eds). *Profound Intellectual and Multiple Disabilities: Nursing Complex Needs*, 348 – 353. Wiley-Blackwell: United Kingdom.

CERCIOEIRAS site <http://www.cercioeiras.pt/>

Conners, F. A., Atwell, J. A., Rosenquist, C.J. e Sligh, A. C. (2001). Abilities underlying decoding differences in children with intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*, 45 (4), 292 – 299.

Fonseca, V. (1995). A deficiência mental a partir de um enfoque psicomotor. *Revista de Educação Especial e Reabilitação*, 3 (4): 125-139.

Fonseca, V. (2001). *Psicomotricidade: Perspetivas Multi-disciplinares*. Lisboa: Âncora Editora.
Frimodt, L. (2004). *Psicomotricidade na Europa*. *A Psicomotricidade*, 3: 13-17.
Grossman, H. J. (Ed.). (1983). *Classification in mental retardation*. Washington DC: American Association on Mental Retardation.

Grove, N., Bunning, K., Porter, J. e Olsson, C. (1999). See What I Mean: Interpreting the Meaning of Communication by People with Severe and Profound Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 12 (3), 190 – 203.

Harding, C., Lindsay, G., O'Brien, A., Dipper, L. e Wright, J. (2011). Implementing AAC with children with profound and multiple learning disabilities: a study in rationale underpinning intervention. *Journal of Research in Special Education Needs*, 11 (2), 120-129.
s da Educação Especial e do Apoio Socioeducativo.

Harris, J. (2006). *Intellectual disability: understanding its development, causes, classification, evaluation and treatment*. Oxford University Press.

Harris, J. (2010). *Intellectual Disability – a guide for families and professionals*. Oxford University Press. USA.

Hartley, S.L. e McLean Jr, W. E. (2009). Stressful Social Interactions Experienced by Adults with Mild Intellectual Disability. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities* (AJIDD), 114 (2): 71-84

Iacono, T. e Johnson, H. (2004). Patients with disabilities and complex communication needs. *The GP consultation*. *Australian Family Physician*, 33 (8): 585-589.

Kirk, S.A. e Gallagher, J.J. A Educação da Criança Excepcional. Livraria Martins Fontes: São Paulo. Leitão, A. Lombo, C. e Ferreira, C. [2008]. O contributo da psicomotricidade nas dificuldades intelectuais e desenvolvimentais. *Revista Diversidades*, (6), 22, 21-24.

Luckasson, R., Borthwick-Duffy, S., Buntix, W., Coulter, D., Craig, E., Reeve, A., Schalock, R., Sneel, M., Spitalnik, D., Spreat, S. e Tassé, M. [2002]. *Mental Retardation: Definitions, Classification and Systems of Supports*. 10th Edition. AAMR.

Luckasson, R., e Schalock, R. L. [2013]. Defining and applying a functionality approach to intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*, 57 (7), 657- 668.

Mansell, J. [2010]. Raising our sights: services for adults with profound intellectual and multiple disabilities. Retirado de: <https://kar.kent.ac.uk/24356/>

Martins, R. [2001]. Questões sobre a identidade da Psicomotricidade – As Práticas entre o Instrumental e o Relacional. In V. Fonseca e R. Martins (Eds.). *Progressos em Psicomotricidade* (29-40). Lisboa: Edições FMH

Martins, R. e Rosa, R. [2005]. Grupo de Crianças e Pré-adolescentes com Perturbações Disruptivas do Comportamento e Défice de Atenção – Crianças Hiperactivas com Défice de Atenção (PHDA). *Intervenção Terapêutica em grupos de Crianças e Adolescentes – Aprender a Pensar*. 1ª Edição. Lisboa: Trilhos Editora, pp. 173-214

Ministério da Educação e Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular [2008]. *Aluno com multideficiência e com surdocegueira congénita: Organização de resposta educativa*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular e Direcção de Serviço.

Morato P. e Santos, S., [2007]. Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. *A Mudança de Paradigma na Conceção da Deficiência Mental*. *Revista de Educação Especial e Reabilitação*. 14: 51-55

Oliveira, Catarina [2017]. Relatório Atividades de Estágio I, pp 16-27 trabalho apresentado com vista à conclusão da Licenci-

atura em Reabilitação Psicomotora Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa (não publicada).

Rosenberg, S. e Abbeduto, L. [2013]. *Language and Communication in Mental Retardation: Development, Processes and Intervention*. Psychology Press.

Salvador-Carulla, L., Reed, G., Vaez-Azizi, L., Cooper, S., Martinez-Leal, R., Bertell, M., Adnams, C., Cooray, S., Deb, S., Akoury-Dirani, L., Girimaji, S., Katz, G., Kwok, H., Luckasson, R., Simeonsson, R., Walsh, C., Munir, K. e Saxena, S. [2011]. Intellectual developmental disorders: towards a new name, definition and framework for “mental retardation/intellectual disability” in ICD-11. *World Psychiatry*, (10), 175-180.

Santos, S. [2012]. Conclusão. In Santos, S. e Morato, P. (Ed.). *Comportamento Adaptativo Dez anos depois*, 167-173. FMH Edições: Lisboa.

Santos, S. [2007]. Estudo Psicométrico da Escala de Comportamento Adaptativo versão Portuguesa – ECAP. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Doutor no Ramo de Motricidade Humana, especialidade de Educação Especial. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa (não publicada). Santos, S. e Morato, P. (2002). *Comportamento Adaptativo*. Coleção Educação Especial. Porto Editora.

Santos, S. e Morato, P. [2007]. Estudo Exploratório do Comportamento Adaptativo no Domínio Psicomotor em populações portuguesas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental. *A Psicomotricidade*, 9, 21-31.

Santos, S. e Morato, P. [2012]. *Comportamento Adaptativo-Dez anos depois*. FMH Edições.

Santos, S., Morato, P. e Luckasson, R. [2014]. Psychometric properties of the Portuguese version of the adaptive behavior scale. *Intellectual Developmental Disabilities*, 52 (5), 37987. Santos, S. e Santos, S. (2007). *Comportamento Adaptativo e Qualidade de Vida nas Crianças com Dificuldade Intelectual Desenvolvimental*. *Revista de Educação Especial de Reabilitação*, 14, 57-67.

Schalock, R. L.; Borthwick-Duffy, S.; Bradley, V.; Buntinx, W. H.; Coulter, D.L.; Craig, E.M; Luckasson, R. A.; ... Reeve, A. [2010]. Intellectual Disability: Definition, Classification, and Systems of Supports. Washington, DC: American Association on Intellectual and Developmental Disabilities [AAIDD].

Schalock, R. e Luckasson, R. [2015]. A Systematic Approach to Subgroup Classification in Intellectual Disability. *Intellectual and development disabilities*, 53 (5), 358-366.

Schalock, R., Luckasson, R., Shogren, K., Borthwick-Duffy, S., Bradley, V., Buntinx, W., Coulter, D., Craig, E., Gomez, S., Lachapelle, Y., Reeve, A., Snell, M., Spreat, S., Tassé, M., Thompson, J., Verdugo, M., Wehmeyer, M. e Yeager, M. [2007]. The Renaming of Mental Retardation: Understanding the Change to the Term Intellectual Disability. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 45 (2), 116-124.

Scotland, J. L., McKenzie, K., Cossar, J., Murray, A. e Michie, A. [2015]. Recognition of facial expressions of emotion by adults with intellectual disability: Is there evidence for the emotion specificity hypothesis? *Developmental Disabilities*, 48, 69-78.

Smith, D. D. [2004]. Introduction to special education: Teaching in a time of opportunity. (5th ed.). Boston: Allyn e Bacon.

Thompson, J. Bradley, V. Buntinx, W. Schalock, R. Shogren, K. Snell, M., Wehmeyer, M., Borthwick-Duff, S., Coulter, D., Craig, E., Gomez, S., Lachapelle, Y., Luckasson, R., Reeve, A., Spreat, S., Tassé, M., Verdugo, M., e Yeager, M. [2009]. Conceptualizing Supports and Support Need of People with Intellectual Disability. *Intellectual and Developmental Disabilities*. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 47 (2), 135-146.

Thompson, J. R., Bryant, B., Campbell, E. M., Craig, E. M., Hughes, C., Rotholz, D. A., Schalock, R., Silverman, W., Tassé, M. e Wehmeyer, M. [2004]. Supports Intensity Scale. Washington, DC: American Association on Mental Retardation .

Valente, P., Santos, S. e Morato, P. [2011]. A Intervenção Psicomotora como um sistema de apoio nas Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. *A Psicomotricidade* (14).

Van der Molen, M., Van Luit, J., Van der Molen, M. e Jongmans, M. [2010]. Everyday Memory and Working Memory in Adolescents With Mild Intellectual Disability. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities* [AJIDD], 115 (3), 207-217.

Verdugo, M. e Bermejo, B. [2001]. Atraso Mental: Adaptação Social e Problemas de Comportamento. Editora McGraw-Hill. Vidigal, M. (2005). *Intervenção terapêutica em grupos de crianças e adolescentes*. 1ª Ed. Trilhos Editora: Lisboa

Wehmeyer, M.L. [2003]. Defining Mental Retardation and Ensuring Access to the General Curriculum. *Education and Training in Developmental Disabilities*, 38 (3), 271-282.

WHO [2015]. Internal Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems. 10th Revision (ICD-10)- 2015-WHO Version

TESTE- MUN- HOS

Quando aceitei trabalhar na CERCIOEIRAS não sabia muito bem o que esperar. O convite pareceu um desafio artístico interessante, no entanto, nunca poderia pensar que mais do que uma partilha musical, teria a sorte de poder estar semanalmente em contacto com pessoas tão extraordinárias como as que participam no projeto Notas de Contacto. Recordo com imenso carinho o primeiro dia, onde fomos tão bem recebidos, tão acarinhados, como se fizéssemos parte da vida de cada um deles, desde sempre. Os abraços, a ternura, a capacidade de superação, o desejo de fazer e a alegria de conseguir fazem deste projeto algo único, marcante e diferenciador. Ao fim de um ano de trabalho ainda é surpreendente a capacidade de trabalho, de concentração e a motivação com que todos os desafios propostos são aceites e tão bem superados. Todos em especial são sem dúvida um exemplo de vida a seguir!

Um dos pontos mais interessantes que se tem vindo a desenvolver durante as sessões semanais é a relação de igualdade artística entre os clientes da CERCIOEIRAS e os músicos da Orquestra de Câmara Portuguesa. A liberdade expressiva e a abertura para a criação original são trabalhadas, regularmente, através da exploração da improvisação. Este fator permite, por sua vez, a criação de laços de escuta, de confiança, implica cedências e origina que a interação artística deixe de depender de hierarquias, e obtenha como resultado a conquista e aceitação do lugar e importância de cada um, dentro do grupo. Neste projeto, não me sinto como uma professora, mas sim, como uma maestrina que orienta as diversas ideias que surgem, as diferentes personalidades ou dificuldades gerindo todos estes fatores a favor da construção artística. O facto de nós, equipa de músicos, tocarmos, regularmente, com os clientes tem proporcionado o desenvolvimento da autonomia individual, revelado alguns líderes e criado situações de verdadeira integração onde todos têm um papel fundamental e ativo.

Desde sempre que a Arte em geral tem um papel importante na evolução e transformação das civilizações. A Arte é, ou deveria ser, entre outras, educação, comunicação, expressão. Em grupos como o da CERCIOEIRAS considero que o papel da Arte é fundamental. No que diz respeito à música e à minha experiência, vejo que através dela é possível moldar comportamentos, alterar estados de espírito e incentivar a uma melhoria comportamental em conjunto. Imensas vezes os clientes entram pela sala aborrecidos ou, no caso dos mais profundos, fechados em si mesmos, pouco comunicativos ou sem expressão. É, no entanto, com alegria, que constato que através da música estes estados de espírito são em 100% das vezes alterados para melhor. A aprendizagem constante, o desafio que proporciona, a emoção transmitida ou a simples vibração do som do instrumento são aspetos que não deixam ninguém indiferente. Sinto, por isso, que o meu papel enquanto transmissor artístico é importante, porque transforma, ajuda a melhorar as relações em grupo, os estados de alma e permite conectar as pessoas de forma indelével.

ANA MARIA SANTOS



A minha carreira profissional como construtor de instrumentos musicais pautou-se sempre pela atitude de “servir”. Servir os músicos, compositores e intérpretes, produzindo os acessórios e os instrumentos necessários às suas criações e performances. O desafio de adaptar esta valência à produção de instrumentos e acessórios para utilizadores com deficiências motoras e intelectuais fez desde logo todo o sentido para mim, atendendo a que já havia participado como formador em projetos com deficientes, promovidos pela APPACDM de Aldoar-Porto, tendo na altura criado ateliês de construção de instrumentos e reportórios que permitiram a sua utilização em representações coletivas. Na proposta feita pela Teresa Simas e tendo como equipa os fantásticos elementos da OCP que fariam todo o trabalho efectivo com os utentes da CERCIOEIRAS, com deficiências, apetências e carências muito diversas, propus que o meu trabalho se pautasse pelo seguinte:

Pautei a construção e adaptação dos instrumentos pelo conceito de sentir o som. Por exemplo, um instrumento – um misto de cordofone com um tambor de pele e outro de madeira, sendo conjunto com uma cadeira – que se toque sentado sobre ele. Uma mochila-cordofone de madeira, com uma caixa de ressonância que estando agarrada à barriga transmite a vibração das cordas ao corpo. As dificuldades motoras são muito diversas e, portanto, nem sempre é possível construir os instrumentos de forma a serem executados e produzirem bom som, o que é fundamental. Optei então por fazer alguns instrumentos com microfones incorporados para assim poder dispensar a caixa de ressonância. Um desses instrumentos, é um tabuleiro amplificado com vários pequenos instrumentos aplicados, pensado para ser tocado por quem está numa cadeira de rodas. É nossa ideia tentar criar um suporte universal para cadeiras de rodas que permita a todos usar este tabuleiro. Esta ideia, livre de criar diversos instrumentos é um trabalho que merece ser pensado e que requer a cooperação de outros saberes.

Outro aspecto do trabalho realizado, o da adaptação física dos instrumentos e dos acessórios, se bem que mais fácil não é despiciendo. É muito importante a atenção a pequenos pormenores que podem por vezes resolver problemas de execução ou até de interação com o instrumento. O pormenor de uma baqueta, de um suporte ou até de um banco pode ser determinante. Aqui os monitores têm demonstrado uma enorme sensibilidade, fundamental para a obtenção dos resultados verificados.

A lista dos instrumentos e acessórios é vasta mas muito diversa. Se por vezes o foco foi a construção de raiz dos instrumentos adaptados, outras foi a adaptação dos acessórios e suportes. Alguns já os tinha parcialmente contruídos e só os adaptei. Os Cajons, por exemplo, foi só pôr uma tampa mais robusta. Outros foram sendo contruídos, experimentados, reconstruídos. Estão feitos, mas não sei se estão prontos. Outros surgiram duma visita da equipa à minha oficina, em que uma série de instrumentos e acessórios foram sendo escolhidos, pelo seu som ou pela sua manabilidade. Outros ainda, estão ainda em transformação – o tabuleiro para as cadeiras de rodas, por exemplo, estamos ainda a melhorá-lo – e também ainda contamos construir mais alguns, fruto da última visita aqui feita!

Se me é permitido fazer um balanço destes anos de colaboração, digo que vi em palco, na FCG, uma demonstração da materialização deste projeto. Fantástico e comovente. Penso que um projeto com esta virtude e característica não fará sentido como um fim em si mas sim como um processo. Com inúmeras possibilidades de evolução, talvez também muito importante de reprodução noutras coletividades que trabalham com deficientes - daí o intuito de universalizar o usufruto da música - mas principalmente para que não deixe um vazio naqueles que por fim são os destinatários.

MIGUEL RALHA



“ Se para nós músicos o acesso à música e outras artes em geral é uma procura constante que se torna num modo de vida, em muitas comunidades o simples acesso à cultura é ainda uma meta distante com tantos obstáculos devido às prioridades estabelecidas na sociedade. Privilegiar ações culturais e acesso à cultura é fundamental no desenvolvimento e educação da sociedade.

Tendencialmente os músicos tendem a escolher o seu caminho enquanto jovens e creio que muitas vezes por esta razão é uma escolha de certa forma egocêntrica. O sonho nessa altura passa em grande parte pelo desejo de sucesso nos palcos esquecendo ainda o papel do músico que vai muito além deste facto.

Em 2017 surgiu o convite da OCP para integrar o projeto **Notas de Contacto - a OCPsolidária na CERCIOEIRAS**. Era então um grande desafio que me pareceu de imediato a oportunidade ideal para aprender, crescer e evoluir enquanto pessoa mas também enquanto profissional. Este projeto representa valores que todos deveríamos abraçar. Não esqueço o primeiro dia em que entrei na sala de aula. A alegria, os abraços, o carinho e gratidão com que fomos recebidos pelos clientes foi emocionante e intenso. Ao longo da aula ouvindo música eram impressionantes as diferentes reações e o que isso representava ao nível da exploração de potencialidades e compreensão do efeito da música com os seus milhões de sonoridades. A colaboração individual e o trabalho de equipa foram imediatos. Em nenhum concerto no qual eu tivesse participado, o público reagiu de forma tão transparente e genuína

como naquela sala de aula. Este foi o primeiro de muitos dias que se seguiram em que cada sessão foi uma nova experiência e um desafio à nossa criatividade geral e musical. Hoje compreendo melhor o poder da arte e dos artistas tal como o seu papel nas comunidades e na inclusão social.

Para terminar este testemunho seria incompleto se não manifestasse o seguinte:

foi o contributo direto de todos os envolvidos neste projeto que não só me enriqueceram humana e profissionalmente fazendo de mim a pessoa e o músico que sou hoje mas que também proporcionaram o conhecimento, a experiência e os sentimentos sem os quais jamais poderia escrever estas palavras.

ÓSCAR CARMO



Qual o papel de um músico numa sociedade? Não sei se as nossas escolas nos falam objetivamente deste assunto, no entanto, é algo ao qual não podemos ser indiferentes durante o nosso crescimento.

Quando regressei a Portugal, para além de continuar a trabalhar aquilo a que a minha formação me habituou, deparei-me com novos projetos - criar e interpretar música com grupos de jovens com necessidades especiais ou socialmente desfavorecidos.

Rapidamente percebi que a música tem um lado social. Música é uma arte imperturbável, partindo de uma perspectiva em que qualquer um a pode fazer, bem ou mal. Mas o mais bonito da música é que o bem e o mal pertencem a um mundo subjetivo - um mundo em que a arte de um músico deve ser primeiramente respeitada. E é essa música que eu tenho presenciado semanalmente na CERCIOIRAS.

Os músicos da OCP tentam partilhar com os clientes da CERCIOIRAS aquilo que há de mais bonito na música: o respeito, o diálogo, saber ouvir, saber responder, saber tomar a iniciativa, esperar e saber respirar em conjunto.

É assim que julgo a música como um elemento preponderante no bem de uma comunidade. Não acredito que música se adapte: é a sua natureza que nos educa; é a forma como ela funciona que nos ensina a ser melhores seres humanos.

Para concluir o meu testemunho, gostaria de mencionar dois momentos que considero especiais no curto espaço de tempo em que faço parte do Notas de Contacto. O primeiro é a minha relação com o Francisco Ceia. Na minha primeira sessão com o Francisco, eu toquei, toquei, toquei e... toquei, sem que o Francisco manifestasse sequer um movimento de reacção. Questionei-me seriamente. O que fazia eu ali não sendo terapeuta... Quem sou eu para falar dos problemas que o Francisco tem? Ninguém, mas hoje posso dizer que adoro o momento em que a sessão dele chega. E, pouco mais de um ano passado desde a primeira sessão, o Francisco reage, pega em duas baquetas, gosta muito do fá# e do sol# do pequeno xilofone e até já lhe consigo captar gestos da cabeça através do sensor de movimentos do sound beam. Por vezes, o Francisco sorri - não sei se é por causa das nossas sessões, mas ele sorri!

Outro momento passou-se no backstage do Centro Cultural de Belém em que o Carlos e a Vanessa estavam prestes a entrar em palco para integrar a JOP, interpretando o papel de triângulo do Till Eulenspiegel de Richard Strauss. Estavam nervosos e ansiosos, respiraram fundo como lhes pedimos nas sessões, deram as mãos, entraram e não fizeram de conta!

RUI MAIA

**“Penso como Antonin Artaud:
Há dez mil modos de ocupar-se da sua vida
e de pertencer à sua época”**
Nise da Silveira



Durante os tempos que se seguiram à conclusão da minha licenciatura e posterior mestrado em ensino da música, muitas vezes questionava-me qual o potencial interventivo da minha ação enquanto músico violinista numa abordagem no âmbito da solidariedade social.

Não queria apenas que a música fosse uma fonte de bem-estar, mas também um veículo de transformação e mudança.

Em 2010, aquando da minha colaboração com a Orquestra de Câmara Portuguesa, começaram a surgir oportunidades neste sentido, para as quais eu me voluntariava, nunca sabendo muito bem o que me poderia esperar do outro lado do contacto. Estes convites apareceram por parte da Dra. Teresa Simas de uma forma totalmente inesperada, mas foi sem dúvida um teste à minha vontade e procura de uma outra visão da minha especialidade profissional. Após algumas palestras e atividades com utentes de várias IPSS, entre as quais a CERCIOEIRAS, obteve-se um financiamento por parte da Fundação Calouste Gulbenkian (que viria dar lugar ao que hoje conhecemos como Partis) e que possibilitou o início de um projeto transformador, ambicioso e que muita saudade me deixa.

Estamos a falar de um contacto privilegiado com pessoas de diferentes condições mentais e físicas (tanto doença como deficiência) que estavam reunidas com músicos profissionais e terapeutas para fazer música e aprender música.

O contacto foi muito enriquecedor na medida em que a nossa generosidade para com os nossos clientes era retribuída de uma forma ainda mais dourada. A equipa do Notas de Contacto - como foi nomeado após sugestão minha - trazia àquelas pessoas, todas as segundas-feiras de manhã, uma crença no seu potencial próprio, uma maior valorização enquanto indivíduos capazes e uma nova abordagem que nascia e criava pontes e laços. Éramos três músicos OCP e duas terapeutas da CERCIOEIRAS.

Trabalhar com os clientes da CERCIOEIRAS foi para mim uma experiência desafiante. Foi assumir uma nova realidade como ponto de partida para comunicar e intervir. Foi estar perante uma população normalmente negligenciada e escondida da sociedade. Foi sentir o dever e a missão de ajudar a criar um espaço visível, digno das suas particularidades enquanto pessoas. Não foi fácil, mas foi “a” oportunidade.

O processo foi também muito elucidativo. Passei a ter cada vez menos reservas

relativamente a pessoas que estão na vida e para a vida de uma forma muito singular, que chegam a ser muito mais gratas do que a maior parte dos indivíduos que não carecem de necessidades especiais. Estes clientes, estas pessoas com as quais trabalhei, prezam o respeito, a gratidão, a alegria e na verdade só precisam de ajuda para encontrar um certo equilíbrio na relação entre pares (algo com o qual aliás todos nós nos debatemos no dia-a-dia) e encontrar as ferramentas certas para uma interação positiva com o mundo que os rodeia.

Ao contrário do que pensava inicialmente há vontade, há esforço, há confiança e há autenticidade. Sim. Não encontrei até à data um único cliente do Notas de Contacto que tivesse pudor algum da sua identidade; que emanasse uma tristeza resultante da não aceitação de si mesmo. Muitas vezes, o seu mau estar advinha das circunstâncias menos facilitadoras às quais estava exposto no dia-a-dia, ligadas direta ou indiretamente com o preconceito do outro para consigo. Um processo de transformação/intervenção é mais eficiente quando trabalhamos com “chávenas vazias”, ou seja, indivíduos que estão dispostos a confiar por inteiro num professor, num músico, num terapeuta... num amigo.

Estas pessoas, ao desafiarem as leis da “normalidade” socialmente considerada, estão também a contribuir ativamente para nos ajudar a descobrir a nossa Humanidade muitas vezes oxidada, num desafio pessoal e contínuo da entrega à verdade real que é a empatia e o amor pelo próximo. E é desse local que vem a música. Desta forma, é possível afirmar que o projeto do Notas de Contacto foi sempre um círculo de entrega, inspiração e gratidão entre a sua equipa de professores terapeutas e os clientes.

As famílias também reconheceram por diversas vezes o trabalho do projeto Notas de Contacto. Assim, o interesse de mais clientes frequentarem o projeto foi crescendo e o número de participantes aumentando, consequentemente.

Primeiras Abordagens Metodologias

O que estava na minha mente inicialmente para o projeto era entender qual o ponto de partida dos clientes, e seguir daí para um desenvolvimento conjunto do potencial de cada um. Assim, as sessões continham várias atividades como movimento corporal dramatizado musicalmente, ensino de leitura de notas e ritmos [que mais tarde continuou com um desenvolvimento de uma notação especial], visualização de filmes musicais, diálogo espontâneo aberto com os clientes e, para coroar o processo de trabalho, a apresentações ao público [inicialmente em festas e, por fim, com a OCP em concerto].





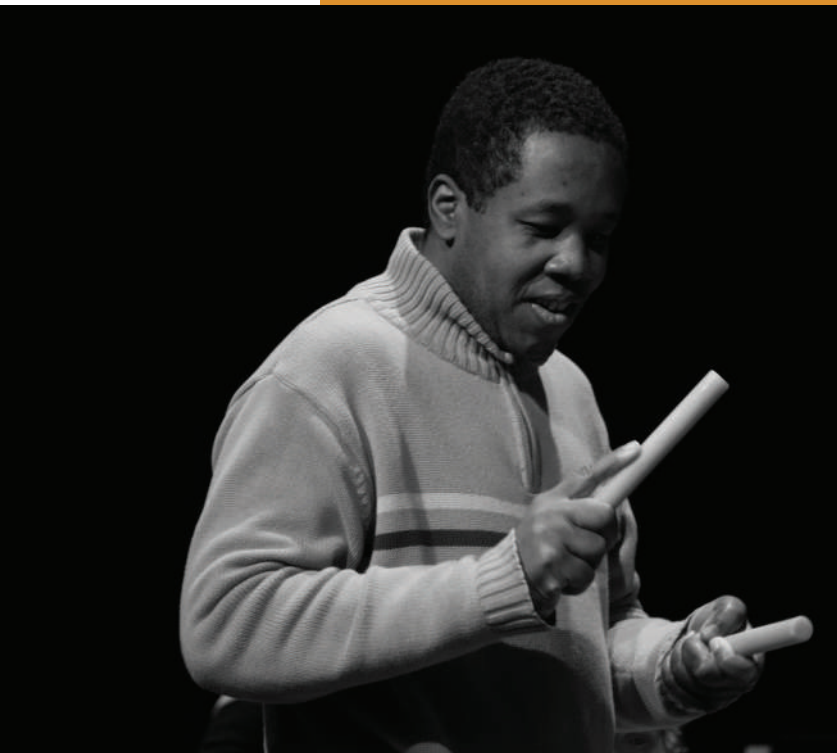
O projeto começou com duas sessões semanais para dois grupos de pessoas com diferentes graus de autonomia, seguidas de reunião e/ou formação dos terapeutas aos músicos e ao inverso, acrescido de uma sessão mensal com clientes mais dependentes. Para estes últimos era utilizada estimulação sensorial (tátil, olfativa, visual em associação com a auditiva) para que pudessem sentir-se envolvidos, com o objetivo de os levar a uma viagem pelo mundo dos sons. Com estes grupos, a missão era essencialmente proporcionar-lhes um momento único de descoberta e bem-estar.

Os clientes do projeto eram propostos por pais, terapeutas ou então autopropunham-se. Havia então uma avaliação para se apurar que grupo de trabalho poderiam integrar e se era exatamente aquela atividade que procuravam.

Para os clientes mais autónomos, o projeto focou-se nas qualidades de cada um, o que, por consequência, acabou por ser um suporte para os seus pontos mais frágeis. Por exemplo: vários clientes com grande gosto por um instrumento ou atividade, eram convidados a “performar” em vários contextos. Isto acabou por ajudar a trabalhar a sua autoconfiança e melhorar as suas capacidades sociais. Desta forma, pode afirmar-se que o Notas de Contacto embora não sendo um processo de terapia tem efeitos terapêuticos nos clientes. Para além disso, contribuiu para uma grande satisfação da parte das famílias (que ficavam muito orgulhosas de ver os seus familiares atuar) bem como para uma maior consciência do papel de cada um no grupo e, assim, na sociedade.

Com bastante frequência os clientes do projeto vinham assistir aos concertos da OCP e mostravam grande apreço pelos músicos e pela música que, mesmo sendo erudita e sem muita representatividade no seu dia-a-dia, já lhes pertencia.

Com o tempo, e sempre com o apoio incondicional da Dra. Teresa Simas (que supervisionava o projeto) do Maestro Pedro Carneiro e da Dra. Ivone Félix, diretora da CERCIOEIRAS, o projeto passou a adquirir não só instrumentos de percussão de altura indefinida, como instrumentos de altura definida e de cordas e sopro. Este foi um passo muito motivador para os clientes que encontraram nessa maior variedade de instrumentos um fim prático para executar tudo o que aprendiam. Pela altura da minha saída o projeto avançava juntamente com o construtor de instrumentos - Miguel Ralha - que começou a colaborar com o projeto para adaptar instrumentos as necessidades dos clientes e também em vista uma eventual parceria com a APCC de Coimbra.



No ano de 2015/2016, o meu caminho profissional revelou novas necessidades e uma atenção mais focalizada pelo que, não querendo baixar a fasquia de inovação do projeto Notas de Contacto, pus ao dispor o meu lugar no projeto para quem sentisse a mesma vontade de desafiar preconceitos e crenças em favor de uma sociedade mais inclusiva através da música. A confiança que me foi depositada é inestimável e sou muito grato à OCP e à CERCIOEIRAS por toda a cumplicidade e colaboração. A eles a minha maior admiração e estima. Foi talvez a primeira vez na minha vida (e das únicas!!!) que senti que realmente tinha uma liberdade responsável para levar o leme de um projeto. Bem Hajam!

PEDRO LOPES
COORDENADOR DO PROJETO
NOTAS DE CONTACTO
A OCP NA CERCIOEIRAS
(2009 -2018)



CERCIOEIRAS – Projecto “OCP, Notas de Contactos”

Considero que a parceria da OCP com a CERCIOEIRAS, relativamente ao projecto “OCP/Notas de Contacto”, tem sido uma excelente aposta para a dinamização da música e tudo o que lhe está associado, junto dos clientes da Instituição.

Cá por casa sempre gostámos muito de música, nos seus diferentes géneros, tendo o meu filho um prazer especial em assistir a concertos quer presencialmente quer através de DVDs. Por isso quando surgiu a oportunidade de integrar o Projeto, mostrou desde o início grande entusiasmo na descoberta dos vários instrumentos. De repente a música passou a ser uma atividade concreta, colocando-lhe desafios que ele se esforça por vencer, ultrapassando etapas de dificuldade crescente, para atingir o objetivo previamente definido. Esta actividade tem-lhe dado autonomia, confiança e mais responsabilidade.

As mais-valias são muitas. Em termos físicos, o manuseamento dos instrumentos obriga a um esforço maior para posturas corretas. Intelectualmente, existe todo um esforço mental para interiorizar e memorizar as tarefas e aprender a lidar com a frustração, para poder transformar os erros em sucesso. A nível de solidariedade há o incentivo à entreatajuda e união dos membros do grupo, com os de maior autonomia a ajudar os que têm mais limitações. Em termos lúdicos, existe o prazer presencial da música, o convívio com colegas e professores, as apresentações, muitas vezes fora de portas.

Pessoalmente tenho constatado que ao longo destes anos do Projeto, a evolução musical dos diferentes membros do grupo é bem visível, verificando-se já uma grande familiaridade com os instrumentos e um cada vez maior controlo a nível de vozes.

Pela experiência com o meu filho, verifico que o trabalho feito ao longo do ano com a preparação de duas ou três apresentações, lhes dá uma enorme responsabilidade. Compreendem perfeitamente que têm que ser pontuais, trabalhar com determinada repetição e ritmo para conseguirem o sucesso. E quando no final dessas apresentações, as coisas correm bem, o que normalmente acontece, existe uma felicidade imensa, não só para os próprios mas também para os familiares, pelo reconhecimento da aprendizagem e evolução dos conhecimentos alcançados.

Por tudo isto, entendo que a manutenção do projecto **Notas de Contacto - a OCPsolidária na CERCIOEIRAS** é da maior importância, pelas vivências e conhecimentos que aporta não só a todos os envolvidos, mas também à própria Instituição.

Não há impossíveis, apenas diferenças que bem trabalhadas nos tornam iguais!

FUNDADORES:

Teresa Simas, Ivone Félix, Pedro Carneiro
Alexandre Dias, Pedro Lopes

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Pedro Carneiro

CLIENTES CERCIOEIRAS:

Adiela Sousa, Ana Rita Figueiredo, Ana Filipa Moreira,
Ana Paula Cunha, Andreia Correia, Ângela Antunes, Bruno
Costa, Carlos Ferreira, Gonçalo Nunes, Helena Alfaro, Jacinto
Nunes, João Maria Andrade, João Miguel Alves, José Maria
Cambeiro, Liliana Silva, Manuela Moreira, Nelson Monteiro,
Nuno Cabral, Ricardo Lopes, Vanessa Gonçalves, Catarina
Rodrigues, Inês Pereira, João Pedro Pinto, Raquel Boasinha
Pereira, Adelaide Cordeiro, Dora Lapa, Gustavo Pinto, Inês Kuit

CLIENTES NÚCLEO TERAPÊUTICO:

Miguel Santos, Pedro Simões, Fernando Colaço, Vasco Silvano,
Pedro Delgado, Francisco Ceia, Filipa Sérgio, Bruno Limpo

TÉCNICAS DE REABILITAÇÃO PSICOMOTORA:

Ana Isabel Dias, Ana Mafalda Roque

MÚSICOS /PROFESSORES OCP:

Rui Borges Maia, Óscar Carmo, Ana Maria Santos

OCP:

DIREÇÃO EXECUTIVA: Alexandre Dias

DIREÇÃO DE PROJETOS E INOVAÇÃO: Teresa Simas

CERCIOEIRAS:

PRESIDENTE - Mário Aboim

VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO E DIRETORA EXECUTIVA:

Ivone Félix

DIREÇÃO TÉCNICA CAO: Raquel Pereira

FOTOGRAFIA:

@OCP, @Rui Peralta

DESIGN GRÁFICO:

Bombazine

©2018



O NOTAS DE CONTACTO A OCP SOLIDÁRIA NA
CERCIOEIRAS GANHOU A MENÇÃO HONROSA NO
CONCURSO DA INSTITUIÇÃO ACESSO À CULTURA
NO ANO DE 2016

SARA ABREU, PEDRO LOPES, CRISTIANA ABREU,
PEDRO CARNEIRO, MIGUEL GOMES, RITA ABREU

* IMPRESSO EM PAPEL RECICLADO



<https://ocp.org.pt/notasdecontacto2018/>

PATROCÍNIOS



PARCERIAS



INSTITUCIONAIS

